

CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS – CEA

Preocupações Dogmáticas e Pastorais (Relatório da Conferência de Lambeth 1988)

Trad. Dom Sumio Takatsu

SUMÁRIO DO ARGUMENTO

1. O ponto de partida é a afirmação de que estamos arrebatados por um "grande padrão de relação" na revelação cristã trinitária. A própria vida de Deus, de acordo com esse padrão, é ser conosco e a nossa vida consiste em aprender a estar com Deus e, ao mesmo tempo, estar uns com os outros na comunhão do Espírito. A Igreja é uma comunidade com sua própria linguagem e cultura, um modo de ser humano que nunca pode ser plenamente assimilado em qualquer sociedade em que se encontra.

2. Isto levanta problemas da relação do Cristo com a cultura, que é, em grande parte, uma questão de como comunicar o Evangelho fiel e efetivamente num contexto já moldado pelas forças históricas. Identificamos um processo contínuo processo de proclamar e refletir com seus estágios e facetas, dos quais podemos aprender muito ouvindo a experiência cristã de outros.

3. Parte desse processo é necessariamente o encontro com outras confissões religiosas e ideologias. Aqui também partimos com a revelação que o próprio Deus faz de si mesmo em Jesus Cristo e com o seu desejo de "estar com todos os homens e mulheres. É possível aprender o que pode ter sido o diálogo entre Deus e as pessoas de outras religiões, ouvindo-os. Tal ato de ouvir e aprender não entra em competição com a proclamação, mas se caracteriza por certas feições. As relações com outras religiões serão sucintamente examinadas e as questões práticas serão consideradas.

4. A nossa visão da Igreja como uma sociedade com sua própria cultura e linguagem inspira também a nossa abordagem da autoridade. O Quadrilátero de Lambeth formulou um padrão de coisas realizadas, enfocando o uso das Escrituras, os Credos, os sacramentos dominicais e o ministério pastoral de *episcopo*. Estes estão dinamicamente relacionados uns aos outros e manifestam a natureza da autoridade como formação. A Igreja é ela própria uma comunidade que interpreta, entende, e aplica a mente de Cristo recorrendo às fontes e agentes confiáveis. Isto envolve o uso coordenado da Escritura, Tradição e razão orientado por aqueles que têm ofícios por ordenação, pelos profetas, sábios e por toda comunidade de crentes.

49 5. Tudo que nos precedeu nos ajuda a entender o que significa para anglicanos
50 estar em comunhão e quão central é para o viver cristão crescer em comunhão
51 cada vez mais profunda. A Igreja tem de criar um mecanismo para a tomada
52 de decisão, de modo que o Evangelho transcendente seja realmente
53 comunicado nas culturas particulares. Essa é a razão porque os anglicanos têm
54 encorajado a tomada de decisão em nível provincial, mas ao mesmo tempo
55 estão obrigados dar expressão à interdependência, um dever desincumbido
56 pelos quatro organismos e agências de unidade a nível universal. Estes serão
57 examinados e será apresentada uma descrição do fortalecimento do papel dos
58 Primazes. Haverá uma explanação da tomada de decisão sobre duas questões
59 (respostas aos documentos ecumênicos e da Ordenação das Mulheres). A
60 "recepção" e a "descoberta da mente de Cristo" são considerados processo
61 dinâmico em que os bispos têm uma contínua responsabilidade teológica e
62 pastoral.

63 **COMUNHÃO COM DEUS E A VIDA DE CRISTO**

64
65
66 6. "Felipe, há tanto tempo estou convosco e não me tens conhecido? Quem me
67 vê a mim, vê o Pai". (Jo 14.9,10) Assim responde Jesus ao apelo de Felipe em
68 nome dos discípulos no sentido de que o Pai lhes fosse revelado. Não só
69 declara que Deus é revelado em Jesus, mas também que é a vontade deste
70 Deus estar conosco e ser por nós. As boas novas do Evangelho consistem em
71 que a vida de Jesus entre nós é a vida de Deus, Deus em ação para derrubar
72 as barreiras de nosso jugo e a nossa condição de pecadores. Em Jesus, Deus é
73 conosco em nossa condição frágil, conosco em nossa vida e morte, conosco até
74 a morte mesmo da Cruz. Em Jesus Deus é fiel a nós mesmo na pior, fiel a nós
75 quando levam Jesus a cruz o nosso medo e pecado. No Jesus ressuscitado
76 Deus é conosco para transfigurar e libertar todos os que estão debaixo do
77 jugo do medo e pecado. Jesus é Deus conosco e conhecer a Deus é estar com
78 Jesus. Deus tem compartilhado conosco o nosso mundo humano e por meio
79 dos grandes eventos da Cruz e da Ressurreição recebemos o poder e o convite
80 para participar do mundo de Deus, para mostrar a glória e a liberdade de
81 Deus, e para proclamar a santidade e a misericórdia de Deus em palavras e
82 atos. Na medida em que lemos a Bíblia e celebramos os sacramentos,
83 continuamente procuramos estar com Deus, que deseja estar conosco.
84 Convidamos Jesus a ser o fundamento da esperança em nossas vidas, o ponto
85 de referência pelo qual orientamos nossas vidas, a questão que nos perturba e
86 amizade que nos dá coragem a confiar em Deus, em nós mesmos e uns aos
87 outros.

88
89 7. Conhecemos a Deus na medida em que vivemos com Jesus, para que
90 possamos e devamos dizer que a vida de Jesus é ato e expressão de Deus. O
91 Deus mostrado aqui é um Deus cuja vida é "estar com". Deus não é um
92 indivíduo para ser "conhecido" a distância, um objeto em torno do qual
93 andamos e coletamos informações. A vida de Deus é missão, interpelação e
94 comunicação. A vida de Deus é a vida que sai de si mesmo na direção ao que
95 não é Deus. Deus não é só a fonte misteriosa e a causa de todas as coisas,
96 mas também o derramamento da vida divina regozijando-se e buscando
97 compartilhar a si mesmo. Deus não só o Pai mas também a Palavra, ou Filho,
98 de modo que Jesus encarna em sua vida o ato divino de compartilhar,

99 comunicar e alegrar-se. Sua vida recebe sua forma e destino estando com o
100 Pai, encarnando plenamente a alegria de Deus e a consciência da profundidade
101 e generosidade da vida divina em seu caráter primordial como fonte e doador
102 de tudo. E só conhecemos essa generosidade primordial por meio da resposta
103 total de Jesus. Conhecemos o Pai como o Deus que está com o Filho,
104 sustentando e formando esta vida de resposta, o poder que atrai o amor e a
105 oração radical, que se esquece de si mesmo.

106
107 8. O amor radical de Jesus é criativo. Cria uma nova vida através da cura e
108 perdão e liberta os cativos. Acima de tudo, na ressurreição esse amor cria uma
109 comunidade, um novo padrão de relações humanas em que essa cura, perdão
110 e libertação criativos continuem e seja efetiva a *autoridade* de Jesus sobre
111 todas as coisas que mutilam e escravizam as pessoas. A vida de Jesus com o
112 Pai agora é vivida conosco e em nós. Deus dá testemunho da vida divina vivida
113 na vida de Jesus com o Pai. Deus dá esse testemunho agindo para que
114 sejamos levados à plena medida da humanidade de Jesus e fazendo-nos
115 participantes da natureza divina, como diz São Paulo, conduzindo-nos à vida
116 "em Cristo". Deus está com a comunidade de Jesus como Conselheiro,
117 Advogado, desafio e guia, continuando a obra da nova Criação, Deus está
118 conosco como "Espírito".

119
120 9. Assim, não se pode imaginar o Deus dos cristãos e falar Nele exceto neste
121 grande padrão trinitário de relação. A vida de Deus está no envio e na partilha
122 do próprio ser de Deus. A nossa vida redimida consiste em aprender a vida de
123 Jesus com Deus de modo que também nos aproximemos de Deus dizendo:
124 Abba, Pai. E o aprenderemos só estando com Jesus. Como o aprenderemos? A
125 resposta consiste em nos reunir em seu Nome, sob sua autoridade na medida
126 em que experimentamos a vida por meio da Palavra e do Sacramento, em
127 outras palavras, estando uns com os outros na "comunhão" do Espírito, que é
128 o Corpo de Cristo.

129
130 10. Não existe o modo de ser cristão que não envolva o estar com outros
131 seres humanos. O cristianismo não menos que o judaísmo e islamismo é uma
132 realidade social, mesmo que não se baseie como outros dois sobre um sistema
133 legal pormenorizado.

134
135 11. Como todas as realidades sociais, o cristianismo carece de meios comuns
136 de comunicação. Nenhuma sociedade poderá sobreviver se os seus membros
137 não dispuserem de meios para aprender o que outras pessoas querem dizer. A
138 sociedade deve ter entendimento sobre seus "símbolos", sobre o que as
139 palavras, gestos, quadros e sons representam. Crescer e tornar-se realmente
140 um membro de uma sociedade é adquirir a capacidade de reconhecer o que
141 tais coisas representam e capaz de expressar-se por esses meios. Se penso
142 em certa palavra ou em certo gesto como um sinal de amizade quando todos
143 percebem como sinal de hostilidade ou insulto, ainda não aprendi como
144 pertencer à minha sociedade e corro certo risco real. Tais sistemas de símbolos
145 e padrões de comunicação estão, no mundo, sempre passando por mudanças,
146 na medida em que o tempo avança, por isso, nenhuma sociedade está livre do
147 risco de equívocos e conflitos.

149 12. Porém continuamos operando com a idéia de que devemos tentar fazer
150 sentido das coisas e entender uns aos outros. E, assim, admitimos que as
151 sociedades carecem de padrões regulares e limites para o que pode ser dito e
152 feito. Deve ser possível - se uma comunidade deve ter coerência - dizer que
153 tais e tais maneiras de dizer ou fazer coisas não fazem sentido em termos
154 *deste grupo*. As realidades sociais têm, em outras palavras, alguma estrutura
155 ou gramática na linguagem que usam. Se o cristianismo é uma realidade
156 social, está obrigado a ter feições distintas, pontos de referência que possam
157 dizer-nos que espécie de coisa é cristã e que espécie de coisa não teria sentido
158 para a fala e ação cristãs. Assim, quando os cristãos identificam-se apontam
159 não só simplesmente aos sentimentos compartilhados, mas também para as
160 coisas que fazem juntos. Proclamam o que Jesus tem feito. Batizam, dão
161 graças e compartilham o pão e vinho. No contexto destas atividades, lêem
162 uma coleção particular de livros e (no caso da maioria dos crentes) recitam
163 sumários de sua fé a fim de renovar sua lealdade prometida a Deus que os
164 reuniu. Em síntese, eles apontam para a adoração sacramental, a Bíblia e aos
165 Credos. Devem ter preocupação em ouvir cuidadosamente as vozes do
166 passado, dar atenção às vidas exemplares e significativas, porque sua
167 "sociedade" cuida que eles estejam com os que andaram antes pelos caminhos
168 da fé. Estaremos examinando, posteriormente, como essas coisas recebem
169 expressão particular na tradição anglicana.

171 13. Se a comunidade cristã for uma sociedade, ainda que seja cristã, sua
172 existência coloca alguns problemas. A Igreja mesma tem uma linguagem e
173 uma cultura, uma maneira de fazer as coisas ter sentido, uma maneira de ser
174 humano. Assim, ela nunca poderá ser inteiramente assimilada em qualquer
175 sociedade em que se encontra.

177 14. A maneira cristã de ser humano - estar com outros, com Jesus, com
178 Aquele a quem Jesus se dirigiu como Pai - não é a mesma que qualquer uma
179 das várias maneiras de ser humano que evoluem nas comunidades "naturais"
180 de grupos étnicos e lingüísticos, tribos e nações. A maneira cristã afirma ter
181 alguma coisa para os seres humanos como tais, não importa qual seja o ponto
182 de partida cultural ou étnica. Pretende-se colocar para além do nacionalismo.
183 Por mais que essa pretensão viesse a ser falsa no passado, por mais que a
184 Igreja se tenha identificado com culturas e linguagem (e aspirações
185 particulares pelas conquistas e dominações nessas culturas), é ainda verdade
186 que o que torna as pessoas cristãs e as coisas que os cristãos fazem
187 caracteristicamente juntos não representam algo vinculado a qualquer
188 contexto. A Igreja existe numa variedade extraordinária de contextos. Ela é
189 livre da restrição cultural, no mínimo em princípio, e capaz de desafiar o seu
190 contexto cultural.

192 15. A maneira cristã de ser humano não é simplesmente compatível com
193 qualquer maneira de ser humano. Estará, em algum ponto em conflito com
194 aspectos do modo de ser humano indiano, melasiano, irlandês ou americano.
195 Estar com Jesus estando uns com os outros significa que os cristãos não vão
196 estar acriticamente com qualquer cultura "natural" ou a apoiam para sempre.
197 A Igreja é, por natureza, uma presença inconfortável em qualquer parte.
198 Devido ao seu próprio padrão de relação humana, ela não se permitirá ser

199 apenas uma instância religiosa de uma nação, embora, freqüentemente, como
200 uma instituição oficial na Inglaterra, a Igreja tem sido atraída para algo
201 perigoso como esse papel há pouco aludido.

202
203 16. Tudo isto é parte do que desejamos dizer que a Igreja é sinal e presença
204 de uma *nova humanidade*, um padrão de relação que é, em princípio, ilimitado
205 em seu apelo e relevância. Mas ao mesmo tempo a Igreja não é um ambiente
206 total. Ela reclama toda a nossa existência, mas não parte para constituir toda a
207 nossa existência. Ela é chave para a nossa identidade diante de Deus, mas não
208 define o todo daquela identidade em seus próprios termos. Embora se defina
209 quem sou para mim, acima de tudo, por ser objeto do amor e acolhida
210 criativos de Deus, é também definido pela linguagem, família, nação, história,
211 etc. Este é material, por assim dizer, sobre o qual Deus faz o trabalho de
212 redenção. O ministério de Jesus não ocorreu num vácuo. Ele não lidou com
213 pessoas "abstratas". Assim, estar com Jesus não anula quem sou e o que faço,
214 reduzindo ao mínimo denominador comum da "humanidade" a vida complexa,
215 rica e real que herdo do meu contexto. O cristianismo não se propõe *substituir*
216 culturas, mas modificá-las com o desafio penetrante de uma outra maneira de
217 ser humano, o caminho de Deus em Jesus.

218
219 17. Se isto for verdade, o que significa exatamente ser cristão terá diferentes
220 respostas em diferentes contextos. O cristianismo e a cultura estão
221 dialogando, questionando um ao outro, discordando um do outro, em
222 diferentes níveis e em diferentes pontos. Essa feição ou a feição da linguagem
223 cristã virão ao foco numa situação específica e carece ser estudado e expresso
224 em diferentes maneiras. Num sentido importante, descobrimos, então, só
225 nesse encontro, o que a crença cristã pode ser concretamente. Experimentar e
226 conservar um sistema atemporal e compreensivo para viver o caminho cristão
227 é negar aqueles dons e pressões do nosso ambiente que nos torna gente que
228 somos e, a longo prazo, é negar a presença criativa de Deus em nossa
229 natureza. Assim, nos limites gerais da ação e da crença dos cristãos, diante
230 das quais são responsáveis, haverá um senso amplamente variado do que
231 importa e do que carece atenção aqui e agora, uma diversificação através do
232 tempo, uma variação simultânea, em diferentes localidades. A próxima secção
233 de nosso relatório discutirá alguns dos problemas concretos nesta área de
234 crença e cultura.

235
236 18. Assim, aprendemos a maneira cristã de ser humano em nosso contexto em
237 que nos encontramos. Identificar-nos-emos, inevitavelmente, nesses termos e
238 somos, freqüentemente, obrigados a tomar partido nos conflitos humanos de
239 nosso ambiente. A dimensão cristã é assinalada pela convicção de que, além
240 de nossas identidades locais e lutas locais, está a chamada para estar com
241 todos os filhos de Deus, a possibilidade de uma rede universal de relações em
242 que todos têm uma parte plena, uma liberdade plena para aprender e
243 compreender quem eles podem ser estando com Jesus. A lealdade para com
244 essa vocação e essa possibilidade propicia-lhes uma posição crítica a todas as
245 outras lealdades.

246
247 19. Também isto significa que estar com outros na comunidade cristã é estar
248 com os que são genuinamente diferentes nos modos que até nos podem

249 ofender e nos perturbar. A *catolicidade* da Igreja não é apenas um fato
250 permanente da fé e ordem. É também a realidade de um intercâmbio ativo
251 entre diversos empreendimentos cristãos.

252
253 20. Descubro muito a respeito *do que* sou na minha vocação para a pregação
254 e *de como* sou, sob a pressão de minha situação particular. E o que descobro
255 devo oferecer a outros crentes e com eles devo compartilhasse a descoberta.
256 Mas, então, devo descobrir, também, alguma coisa a respeito do Evangelho,
257 por meio da experiência que eles compartilham comigo - não em termos de
258 modelos ou planos de ação que devo seguir, mas em termos de ir mais a fundo
259 na misteriosa riqueza do Evangelho em diversos contextos, na sua capacidade
260 de engajar-se com culturas e na sua liberdade de se desvincular delas.
261 Independentemente de eu endossá-lo ou não e mesmo de entendê-lo
262 plenamente, o que outras comunidades cristãs fazem será potencialmente um
263 dom para mim e será meu como por exemplo, minha programa de ação e
264 reflexão podem estar em favor dela. O que é feito em nome de Cristo dentro
265 de uma fidelidade comum declarada para com as marcas que identificam uma
266 ação como cristã pode sempre me oferecer a oportunidade de crescer ainda
267 mais, no meu contexto com minha agenda e com o meu povo, na direção da
268 plenitude de Cristo. Experiência compartilhada é também espiritualidade
269 compartilhada, descoberta compartilhada de uma vida em Cristo.

270
271 21. Para a Igreja ser "católica" é preciso ter compromisso ativo com um duplo
272 encontro. A descoberta da própria Igreja e de seus recursos para atender às
273 necessidades do seu contexto, e a descoberta do que está no coração de sua
274 vida comum universal na participação da reflexão e experiência dentro da
275 Igreja através das fronteiras culturais e históricas. Por conseguinte, a
276 natureza católica da Igreja é inseparável de sua *missão* (seu caráter
277 apostólico, seu envio ao mundo) e sua *unidade* - a qual não é mesmice
278 monolítica, mas uma unidade em relação. Tal unidade depende do desejo de
279 ser fiel à nossa vocação em nosso contexto específico em que nos
280 encontramos, de compartilhar o que isso significa, de ter a disposição de ouvir
281 o que os outros têm para compartilhar conosco. Através dessa busca múltipla
282 para sermos fiéis uns aos outros e de sermos cristãmente responsáveis em
283 nosso contexto, a Igreja é mantida em *santidade*. Pois esse compromisso de
284 estar uns com os outros, na Igreja e na sociedade, é o instrumento para estar
285 com Jesus. Participar Sua vida, estar onde Ele está, estar Nele é o único meio
286 para os cristãos ser santos, não pela façanha, não pela maestria espiritual,
287 mas pela fidelidade confiante.

288
289 22. Por conseguinte, o tipo de Deus em que cremos, o Deus revelado a nós
290 em Jesus Cristo, determina o tipo de Igreja que temos. Nosso Deus é Deus
291 cuja natureza é comunicar, compartilhar a vida divina. Deus é vida de
292 comunicação, resposta, regozijo antes que o mundo fosse feito. Deus vem a
293 nós na forma do convite de Jesus para estar com Ele em seu ministério de cura
294 , exorcismo e absolvição em seu sofrimento e em sua vida ressurrecta.
295 Aprendemos estar com Ele no mistério ao mundo e uns aos outros, em
296 vulnerabilidde e identificação com a dor e opressão, na comunicação da
297 liberdade criativa da vida ressurrecta tanto na celebração do partir do pão com
298 o Senhor ressuscitado, na luta e no intercâmbio de nossa vida participativa. As

estruturas da Igreja devem servir a duas funções acima de tudo. (1) Guardar diante de nós a história libertadora de Jesus crucificado e ressurrecto, (2) capacitar-nos para dar graças a Deus uns pelos outros mantendo-nos em comunhão, em unidade ativa e comunicação. As estruturas devem ajudar-nos a sermos livres para entrar em conversação com a nossa cultura e uns com os outros. Também, devem nos lembrar da estrutura, da gramática da conversação cristã que possuímos juntos. Elas devem equipar-nos para o engajamento realístico com o presente, mas também para falar daquele futuro quando estiver terminada a obra "católica" de Deus em Jesus Cristo e todos os povos andarem uns com os outros e com Jesus, à luz da cidade de Deus.

CRISTO E CULTURA

23. A partir do que foi dito na introdução, deve fazer parte de nossa certeza que não há nenhuma forma de vida e linguagem cristãs que esteja livre da influência da cultura em que ela existe. Isto se constitui um problema ou fraqueza só onde não se reconhece o fato. É certo e próprio que uma fé e disciplina da Igreja deve "encarnar-se" em várias formas culturais. Como foi dito anteriormente, o Evangelho não chega às pessoas em abstrato, mas aos determinados homens e mulheres. É como pessoas já criadas à imagem de Deus nos encontramos com Jesus e aprendemos a viver com Ele. Pois o Deus Redentor é o mesmo que Deus Criador. A obra de Jesus não destrói, mas leva à realização plena a obra do Deus da Criação, o Deus que já está conosco nas formas naturais de nossas vidas uns com os outros e em nossa relação com todo o ambiente natural.

24. Mas se imaginamos que já descobrimos uma forma de ser cristão muito independente da cultura, ou se falhamos em observar que o que pensamos ser distintamente cristão é realmente uma parte da cultura, corremos o perigo de colocar sérios obstáculos à pregação. E até podemos levar os ouvintes a pensar que o Evangelho depende de coisas muito exóticas para eles, de modo que, ao rejeitar as formas culturais, rejeitem também o Evangelho.

25. Assim, o problema de "Cristo e cultura" é, em grande parte, problema de como comunicar o Evangelho de modo efetivo. Todavia, ainda há uma outra questão que deve ser mencionada aqui, embora não possa ser inteiramente resolvida. De Deus está encarnado num ser numa cultura particular - no primeiro século, na Palestina - até onde podemos concluir que Deus afirma como parte da revelação divina várias feições daquela cultura? Se a Bíblia pertence, geralmente, aos contextos culturais específicos, quanto nela podemos supor seguramente ser *apenas* resultado do condicionamento cultural? Estas questões sugerem vigor especial nos debates sobre o casamento e sexualidade e sobre o status e papel das mulheres.

26. Aqui devem ser feitas duas observações. Primeiro, é possível reconhecer que o Evangelho cristão não pode ser feito inteligível sem alguma referência ao contexto histórico em que este apareceu, embora, ao mesmo tempo, se reconheça que Jesus e os autores do Novo Testamento já estão em conflito com aspectos daquele contexto que *restringem* o Evangelho. Segundo, o juízo quanto a qual dos aspectos restringem o Evangelho, quais são questões

349 indiferentes e quais estão permanentemente ligados ao coração do Evangelho
 350 é um processo complexo e longo no qual pode haver divergências. Só na
 351 medida em que agora procuramos tornar o Evangelho libertador e inteligível, à
 352 luz de toda a nossa herança, podemos começar a discernir onde está o coração
 353 distinto do Evangelho. Aprendemos em nossos trabalhos de missão.

354
 355 27. Sempre o Evangelho está sendo, então, comunicado numa estruturada
 356 moldada pelas situações históricas e sociais dos crentes. Assim, adquire uma
 357 espécie de "sedimento" do idioma e da tradição locais. É a glória e perigo
 358 mortal do Cristianismo que este pode entrar profundamente na alma de um
 359 povo, de modo que leva consigo as esperanças e valores profundos de uma
 360 nação ou civilização. O Cristianismo russo cujo milênio celebramos este ano é
 361 ainda um dos símbolos identificadores mais importantes do povo de fala russa.
 362 O Catolicismo Romano da França e da Espanha ou o Luteranismo da
 363 Dinamarca são ainda, bem ou mal, parte da identidade e mitologia dessas
 364 nações. Do mesmo modo, a Ortodoxia pre-calcedônica está muito
 365 estreitamente relacionada com a cultura armênia, cóptica e etíope. Todas
 366 esses estilos distintos têm riqueza e recurso enormes. Mas quando o
 367 Evangelho é comunicado dessas nações para outros contextos essa mesma
 368 riqueza torna-se uma fonte de dificuldade, que impede as novas Igrejas
 369 acumular as riquezas e recursos próprios, "bebendo do seu próprio poço."¹
 370

371 28. Especialmente difícil é a situação da Igreja em que a Igreja veio existir sob
 372 o abrigo de um poder colonial. Aqui a comunicação de um Evangelho embebido
 373 numa cultura está comprometida com alguma das feições mais problemáticas
 374 da vida cultural - as realidades de um sistema estrangeiro de poder econômico
 375 e controle político e legal. Tal transmissão do cristianismo tem acontecido mais
 376 do que uma vez na história e ocorreu em muitos diferentes contextos. Por
 377 conseguinte, quando o anglicanismo foi exportado a outros continentes, não só
 378 veio com feições "inglesas" de vestuário, música e adoração, mas também
 379 com certos pressupostos a respeito de quem tomasse as decisões, quem tinha
 380 autoridade na vida social, quem tinha controle último em afazeres econômicos,
 381 mercados, produção, terra. A dominação do estilo inglês - templos neo-góticos,
 382 música de igreja inglesa, preocupação com a história da Igreja européia,
 383 vestes clericais ocidentais, etc. - poderia ser percebida como um reflexo de
 384 simples fatos de dominação política e econômica.

385
 386 29. É oportuno que as Igrejas da última grande era missionária, que enviaram
 387 missionários, olhem para trás e vejam tudo isso com um olhar crítico e
 388 penitente. Contudo muitos cristãos africanos ainda desejariam, por exemplo,
 389 externar sua gratidão pelo dom do Evangelho, sua apreciação das boas
 390 intenções e sua dívida por alguns efeitos acidentais da missão durante o
 391 período colonial - o cuidado médico avançado, por exemplo, ou a campanha
 392 contra o comércio dos escravos. Para alguns tornar-se cristão pode ter
 393 significado uma alienação profunda da cultura indígena, mas também pode ter

¹-Ver ainda David Paton e Charles Long (eds.), A Roland Allen: *The compulsion of the Spirit*, Eerdmans, Grand Rapids, 1983; também G.C.DAVIS (ed.), *Setting Free the Ministry of the People of God: The Report of a Pacific-Inter-Anglican Conference on the life and work of Roland Allen*, Forward Movement, Cincinnati, 1984, Michael Nazir-Ali, "Church, Culture and Change, in *Communion and Episcopacy*, Cudesdon, 1988, pp.93ss. Gustavo Gutierrez, *Beber do Próprio Poço*.

394 significado a descoberta de uma nova liberdade das opressões de uma cultura
395 indígena.

396
397 30. Contudo, em tempo, as formas culturais de eclesialidade colonial
398 revelaram sua própria opressão. Mui freqüente, ofereceram, especialmente,
399 nos estilos de adoração, um pouco mais do que uma condenação coletiva da
400 "velha" cultura. Suas própria formas deixaram de ser meios efetivos de
401 comunicação do Evangelho. As novas Igrejas acharam que aprenderam a lição
402 que poderia ser aplicada contra aqueles que primeiro ensinaram-lhe. Se o
403 Evangelho puder libertar-se da opressão cultural, também pode libertar as
404 pessoas da opressão cultural de uma Igreja que não conhece como
405 culturalmente ela está condicionada. Pode começar, então, o processo de
406 encontrar uma identidade cristã autenticamente local. Vale a pena acrescentar
407 que ocorre o mesmo processo dentro de Igrejas em que se pensava que havia
408 uma única cultura quando pessoas em condições desfavoráveis ou sem poder
409 na Inglaterra ou na América do Norte - operariado, negros, e mulheres -
410 começam descobrir o modo de ser cristão em seu estilo próprio e em sua
411 própria voz. É um processo que tem de caminhar ainda mais nas Igrejas do
412 hemisfério norte vinculadas como são à cultura suburbana. Mas é um
413 processo, seja no Norte, seja no Sul, que desejamos encorajar tão
414 vigorosamente quanto possível e pelo qual nós como pastores nas Igrejas
415 somos profundamente gratos.

416
417 31. Devemos, contudo, reconhecer também que o processo sobre o qual
418 estamos falando nos apresenta facetas múltiplas. No mínimo, podem ser
419 distinguidos quatro estágios.

420
421 32. Existe o período da atividade evangelística primária. Neste estágio, a
422 distinção entre a "cultura" do próprio Evangelho - os valores e prioridades da
423 visão humana e divina que estão envolvidos em estar com Jesus e a cultura
424 dos "pregadores" devem ser discernidos.

425
426 33. Segue-se o período em que esse discernimento começou a ser
427 reconhecido. A Igreja procura contextualizar, aproximar-se dos recursos da
428 cultura em que ela se enraizou e afirmá-los. Isto tem envolvido a adoção de
429 estilos indígenas de música e dança, a tentativa de empregar a linguagem e
430 figuras localmente significativas na liturgia e mais tentativamente trabalhar por
431 meio de métodos locais de tomada de decisão e modelos locais de autoridade.

432
433 34. Isto não representa o fim do processo. A experiência da Índia tanto antiga
434 quanto moderna, em particular, tem apontado as possíveis ambigüidades da
435 inculturação do Cristianismo. A inculturação pode sugerir o endosso de
436 algumas formas sociais ou mitologias das quais o povo quer se libertar. Pode
437 tomar por certo que uma cultura particular é mais estática e monolítica do que
438 ela é de fato. Pode ir contra os processos sociais, mesmo contra ideais
439 religiosos dentro do contexto geral, que favorece criatividade e mudança. Pode
440 parecer como condescendente, romântico e irreal, especialmente, quando a
441 industrialização, urbanização e secularização estão em processo acelerado. A
442 abordagem acrítica das formas sociais tradicionais tem pouco a dizer aos que
443 estão enredados nas malhas da pobreza das cidades em explosões no mundo

444 em desenvolvimento, onde se requer o surgimento de novos padrões sociais e
445 educacionais.

446

447 35. Mas a Igreja tem, portanto, também uma outra e difícil tarefa de
448 assessorar crítica da urbanização industrialização e secularização. Não se deve
449 a Igreja tornar-se mais uma vez aliado de uma definição estreita e opressora
450 do que significa o desenvolvimento cultural (incluindo político e
451 econômico). Para que isso seja possível, é preciso que a Igreja tenha, em
452 primeiro lugar, uma espécie de identificação com as realidades da situação que
453 lhe dê autoridade genuína para resistir as pressões de um novo imperialismo
454 cultural. Disso é preciso tomar consciência, e estar ao lado do povo que ela
455 procura servir, ao invés de supor volúvel e apressadamente que ela tem o
456 direito de falar-lhes sem lhes mostrar solidariedade prática. Em segundo lugar,
457 a Igreja precisa, tanto nos países industrializados quanto nos países em
458 desenvolvimento, refletir e aprofundar o entendimento de seus modelos
459 *distintos* da *relação* humana, de modo que ela tenha recursos para avaliar os
460 processos de desenvolvimento político e econômico. Os cristãos devem ser
461 livres para avaliar se esses processos se encaixam ou não no que o Evangelho
462 expõe diante de Deus nós como padrões adequados de crescimento e relação
463 humanos.

464

465 36. Por conseguinte, o processo de libertação da Igreja da "cativeiro
466 babilônico" da cultura colonial tem facetas múltiplas e é a longo prazo. Exige
467 mais do que simples senso de culpa e cortesia sentimental em relação ao que
468 e pensa ser cultura "indígena". Envolve uma sensibilidade imaginativa para
469 com os processos sociais concretos em ação nos contextos específicos - para
470 com as nações e povos em processo de serem eles mesmos - e um ouvir sério
471 como eles percebem suas expectativas por uma libertação mais plena dos
472 sistemas alheios de dominação. A questão consiste em como essas
473 expectativas podem estar em harmonia com a liberdade prometida pelo
474 Evangelho. Como o Evangelho ajuda a dar forma à luta contra a conformidade
475 mortal (num nível) e a pobreza desumanizante (num outro nível) que são
476 produzidos pela atual ordem econômica?

477

478 37. Também, tudo isto propicia à Igreja uma outra percepção de como ela
479 aprende do contexto cultural alguma coisa a respeito do Evangelho - como a
480 Igreja pode, de fato, ouvir o julgamento do Evangelho no seu contexto. Pode
481 ser mostrado quão restrita é sua visão da humanidade e futuro das esperanças
482 da humanidade. Uma Igreja local que começou aprender isso tem um grande
483 dom a oferecer a outras comunidades cristãs.

484

485 38. Dessa forma as novas Igrejas da Ásia, África e América Latina tornam-se
486 freqüente evangelistas para o Hemisfério Norte. As "Igrejas que enviam os
487 missionários", durante os últimos três séculos, tiveram abaladas suas
488 suposições confortáveis. Novas formas de teologia (não só a de libertação mas
489 também teologia de Minjung ou a teologia do Búfalo d'água da Ásia Oriental)
490 têm questionado os métodos antes paroquiais e interesses da teologia
491 acadêmica ocidental e do treinamento ministerial. As Igrejas cristãs
492 tradicionais da Ásia estão passando pela experiência de renovação. As
493 pressões do evangelismo de base e o poder renovador dos movimentos

494 carismáticos são lembretes de que o racionalismo ocidental é, também, em
495 muitos aspectos uma "cultura local", que se programa a partir daquelas coisas
496 com as quais é desconfortável. O caráter individualista ou privatizante de
497 muitas religiões nos países industrializados é questionado pela centralidade da
498 comunidade e do envolvimento social de muitas Igrejas, as quais não fazem a
499 separação fatal entre os domínios sagrados e seculares, entre o bem estar
500 individual e comunal. O sofrimento das Igrejas tanto antigas como as mais
501 novas, que se confrontam com uma visão militante e exclusivista do Islam
502 (problema que está no centro da mente e das orações desta Conferência)
503 perturba algumas das esperanças ocidentais por um diálogo calmo e sem
504 conflito entre religiões. Mais positivamente, as Igrejas ocidentais receberam
505 um novo senso de vitalidade de Cristo, de testemunho trágico e irresistível dos
506 mártires e um novo ímpeto para a celebração.

507
508 39. Estes são fatores que exercem pressões sobre as Igrejas Ocidentais para
509 reexaminar o que é e o que não é essencialmente parte do Evangelho em seu
510 próprio testemunho e missão, e libertá-las ainda mais para a missão em seu
511 próprio contexto. Não que as Igrejas Ocidentais mais do que qualquer outra
512 possam procurar um cristianismo absolutamente livre de enfeites culturais.
513 Tudo que dissemos aqui tem por certo que isto seria um alvo falso. Porém
514 podemos aprender melhor o que em nossa cultura serve a pregação e o que
515 sutil e imperceptivelmente entra no processo. Ao ouvir a experiência cristã de
516 outros, podemos nos tornar mais e não menos conscientes de nossa própria
517 situação.

518
519 40. Quais são limites deste pluralismo católico? Tudo isto implica em que
520 devemos também estar ouvindo a experiência dos povos de outras tradições
521 religiosas bem com outros contextos cristãos? Já dissemos que a Igreja pode
522 aprender com os de fora e mesmo ser "julgado" por eles. Mas também
523 observamos as dificuldades em fazer afirmações fáceis e generalizadas a
524 respeito do diálogo. Na Grã Bretanha, as Igrejas, por exemplo, estão
525 corretamente desejosas de dar voz aos desfavorecidos, que pertencem a
526 outras tradições religiosas, que vivem num nível mais vulnerável na sociedade
527 e vítimas do racismo persistente e abusivos. Mas em outras partes, os cristãos
528 constituem-se uma minoria desfavorecida num ambiente esmagadoramente
529 hostil não-cristã e os da maioria religiosa em tais contextos, que, por sua vez,
530 no mundo Ocidental, poderiam estar à margem da sociedade e ser vulneráveis,
531 estão em posição de colocar grandes pressões sobre as Igrejas. A Igreja em
532 nível mundial inclui gente perseguida por causa de sua fé pelos membros de
533 outras confissões religiosas, as religiões com as quais muitos cristãos desejam
534 desenvolver diálogo. O problema consiste em conhecer como tal diálogo pode
535 ser levado avante enquanto permanecer fiel a Jesus Cristo e aos que sofrem
536 em seu Nome. Em nossa próxima seção voltaremos examinar esse conjunto de
537 questões.(Ver também a resolução 22.)

538 539 **CRISTO E OS POVOS DE OUTRAS RELIGIÕES**

540
541
542 41. É importante não perder de vista as afirmações básicas a respeito de Deus
543 em Cristo feitas desde o começo deste Relatório, quando falamos sobre a

544 relação entre Cristo e os povos de outras confissões religiosas. O Deus e Pai de
545 nosso Senhor Jesus Cristo revelou-se como quem cuja vida é "estar com". O
546 Filho ou a Palavra, feito carne em Jesus Cristo é Ele próprio o derramamento
547 da vida divina alegrando-se consigo mesmo e procurando compartilhar essa
548 alegria. Deus está com a comunidade de Jesus como Conselheiro, Advogado,
549 desafio e Guia continuando a obra de nova criação de Jesus Cristo. Baseado
550 nisto afirmamos que a maneira cristã de ser humano não é simplesmente
551 compatível com qualquer maneira de ser humano: em certos pontos ela entra
552 em conflito com aspectos das culturas particulares e, com efeito, com as
553 religiões. Contra este pano de fundo que devemos levantar as questões da
554 relação de Deus com os povos de outros tipos de fé, à luz da revelação de
555 Deus em Jesus Cristo.

556
557 42. A própria vida de Deus é "ser com". Isto foi verdadeiro no início, é hoje e
558 será a fonte de grande alegria no fim dos tempos. A Criação é propriamente é
559 um ato de "ser com". Nunca houve momento, nem situação quando essa
560 afirmação não fosse verdade. Não há nenhum indivíduo que não seja uma
561 manifestação dessa verdade de que Deus é por sua natureza, "ser com". O
562 Filho ou a Palavra, o anseio de Deus compartilhar a sua vida divina com outros
563 foi aquele por quem todas as coisas foram feitas. A Palavra que se fez carne
564 em Jesus é o desejo inextinguível para ser conosco (Emanuel). A Encarnação é
565 ela mesma a expressão definida deste anseio por parte de Deus. Como
566 expressamos em nossos dias a relação entre o anseio universal por parte de
567 Deus "estar com" homens e mulheres e Jesus Cristo, o qual é a própria
568 encarnação dessa realidade divina?

569
570 43. A relação íntima entre Deus e a humanidade que conhecemos na pessoa
571 de Jesus é o paradigma da relação de Deus com o mundo. É por essa razão
572 que a Bíblia proclama que o propósito de Deus desde antes da a Criação tem
573 sido o de reunir todas as coisas em Cristo, para que Cristo possa apresentá-
574 las, no fim deste tempo, ao Pai, de modo que Deus seja tudo em todos. (Ef
575 1.10; 1Co 15.24-28)

576
577 44. Ler nesta afirmação a doutrina da "salvação universal" é errar o alvo. O
578 significado último de nossa afirmação é cristológica. É uma afirmação a
579 respeito de Jesus Cristo. Contudo, sua intenção é corrigir uma leitura acrítica
580 de certas passagens "exclusivistas" da Bíblia. Tudo que é exclusivamente
581 verdadeiro a respeito do Senhor feito carne é verdade de quem é precisamente
582 a realidade "inclusiva" ao máximo, a vida divina que se alegra em si mesmo e
583 procura compartilhar a si mesma. Toda a criação está envolvida nesse
584 movimento, pois o todo da Criação foi chamado à existência por esse
585 movimento do amor divino.

586
587 45. Por outro lado, não devemos subestimar a realidade de nossa separação
588 de Deus. Reconhecemos que através de muito da história os humanos têm dito
589 Não a Deus. Muitos cristãos acreditam que essa negativa não é a palavra final.
590 De qualquer modo, a palavra final a Palavra de Deus em Cristo, cujo sentido
591 pleno será revelado só, no dia em que "o segredo de todos os corações serão
592 descobertos". Todavia, este "Não" humano é uma palavra real que marca a
593 necessidade de arrependimento por parte dos crentes e não crentes.

594

595

596

597

598

599

600

601

602

603

604

605

606

607

608

609

610

611

612

613

614

615

616

617

618

619

620

621

622

623

624

625

626

627

628

629

630

631

632

633

634

635

636

637

638

639

640

641

642

643

46. Todavia, isto não significa que cada maneira de ser humano, que não tenha dito ainda o "Sim" ao Senhor feito carne já tenha dito o "Não" à realidade última do seu ser divino. Há aqueles que deram o "Sim" a Deus antes do dom de seu Filho. Cremos com o autor da Carta aos Hebreus que o seu responso positivo a Deus pode receber sua recompensa plena só na realidade do Senhor feito carne. Mas sua fidelidade foi aceitável e aceita. Isto não é estranho se, como confessamos, todas as coisas foram designadas, pela vontade divina, para sua realização em Cristo antes da fundação do mundo. Há aqui importantes afirmações cristológicas em jogo. Desejamos continuar afirmando que, com os credos da Igreja Primitiva, o Senhor assumiu a plenitude de nossa humanidade. O "escândalo da particularidade" está vinculado com o significado universal da pessoa particular que confessamos como Salvador. Isto nos envolve na proclamação de que Deus, cuja Palavra de amor tornou-se plenamente encarnada em Jesus, é o Deus de toda a Criação. Há muito Nele que veremos que é Dele somente na plenitude dos tempos.

47. O mesmo se pode dizer do conselho, do desafio e da orientação do Espírito Santo. Jesus nos advertiu que o Espírito soprará onde quiser. É também notável o dom do Espírito dado à Igreja no Pentecostes porque precisamente o Espírito concedido é o Espírito universal de Deus. Qualquer interpretação de Jesus Cristo ou do Espírito Santo que minimiza a universalidade de sua presença ou de sua obra minimiza, em última análise, o significado da realidade da Igreja. Negar que o Senhor da Igreja é universalmente Senhor da Criação, em presença, em participação, em comunicação bem como em poder e juízo, correr o risco de tornar Deus e Pai de nosso Senhor Jesus em um deus tribal.

48. Portanto, olhamos e ouvimos homens e mulheres de outros tipos de fé, com efeito, outras espécies de compromisso profundo. Ouvimos para entre ouvir o que pode ser diálogo entre Deus e entre essas pessoas - entre Deus que chama todos à existência por um processo de participação e comunicação, e outro povo em suas culturas religiosas. Isso é difícil. Podemos não conhecer a linguagem e cultura em que a fé que outras pessoas confessam é expressa. Mas sem aprender esse processo, não podemos entender nem o que eles estão ouvindo nem o que eles estão dizendo a Deus. Ouvimos não só para julgar, mas também para aprender. Já falamos na necessidade de corrigirmos a nossa expressão particular da fé cristã, à luz de outra experiência de fé cristã. Também devemos corrigi-la, à luz do compromisso dos não-cristãos. Talvez nem tenhamos ouvido as questões que, em seu contexto, eles estão lutando para responder. Talvez haja novos aspectos de condição humana que não temos ainda experimentado. A nossa compreensão de Cristo, a única pessoa mais plena, pode ser enriquecida por tal exploração. Talvez percamos inteiramente de vista o desafio, a não ser que estejamos abertos à procura de outros. Deus está seguramente lá. É Deus quem chama à existência nossos irmãos e nossas irmãs e que está diante deles na realidade de suas vidas humanas parciais. Quanto da plenitude de Cristo está lá para ser aprendido na experiência de todos os que Ele ama! Isto será real, só se queremos, queremos, de fato, aprender suas palavras, seus meios de expressão, e só se ousamos crer que veremos lá algo da presença de

644 Deus, que os chamou, não menos do que a nós, à existência, como eles são e
645 quem são.

646
647 49. Por essa razão, não nos surpreende encontrar ecos do Evangelho nas
648 profundas convicções de nossos irmãos e irmãs não-cristãos. Surpreender-nos-
649 ia, se não encontrássemos esses ecos. Nem soa estranho que a Igreja tenha
650 aprofundado sua fé em sua luta com problemas, conceitos e experiências que,
651 em última instância, extraídos das filosofias, religiões e padrões de
652 pensamento aos quais era ainda desconhecido o Evangelho de Cristo. Somos
653 mais enriquecidos no esforço da Igreja para compreender as implicações do
654 Evangelho, à luz da experiência religiosa e filosófica do mundo judaico e
655 helenista dos primeiros séculos de nossa era. Seremos empobrecidos se os
656 cristãos pararem de explorar o sentido pleno de Cristo, à luz das experiências
657 e da linguagem de muitas culturas e religiões em que se vive a vida em
658 plenitude.²

659
660 50. Portanto, parece não haver razão para se romper com a longa tradição da
661 maioria dos apologistas cristãos em afirmar o que podemos em profundo
662 compromisso de nosso próximo não cristão. A Fé Cristã tem sido capaz através
663 dos séculos aprofundar em seu encontro com outras tradições tanto sua
664 compreensão da natureza e obra de Deus como nos são apresentadas nas
665 Escrituras como também a sua fé. A abordagem geral dos apologistas cristãos
666 dos primeiros séculos consistia em que toda a verdade é a verdade de Cristo.
667 Não só eles afirmaram o que era verdade sempre que a descobrissem, mas
668 também apropriaram, de fato, a verdade e reivindicavam que era, em última
669 instância, a "verdade cristã"³. Deve-se esperar que os anglicanos continuem
670 abertos à busca de uma compreensão mais profunda das coisas de Deus,
671 trazendo à memória as percepções de muitas tradições, culturas e linguagem
672 em que se encontram as Igrejas da Comunhão.

673
674 51. Às vezes, as pessoas temem, que afirmar a presença de qualquer encontro
675 com Deus fora do cristianismo é implicar em que qualquer verdade
676 eventualmente descoberta alhures pode ser uma "verdade salvífica"
677 independente. Desejamos afirmar que a única "verdade", que tem o poder
678 salvador é *Deus*. O Senhor feito carne disse: "Eu sou a verdade". É só essa
679 verdade que salva. Uma vez que a única verdade, à qual somos preparados a
680 atribuir o poder salvador é Deus, há sentido em afirmar que nenhum
681 conhecimento humano tem o poder salvador. Isto significa que as questões a
682 respeito da salvação última dos não cristãos não tenham, talvez, uma resposta
683 definitiva por parte da Igreja. Um bom número de teólogos contemporâneos,
684 entre os quais principais evangélicos anglicanos como John Stott e Sir Norman
685 Anderson professaram um certo "agnosticismo" sobre esta questão particular.
686 É indubitavelmente mais saudável ser "agnóstico" neste ponto do que
687 reivindicar para nós um juízo que pertence, afinal, somente a Deus. Com
688 efeito, Sir Norman Anderson parece ir além do agnosticismo para uma

2_ *Por uma teologia para um diálogo inter-religioso*, CCA, Londres 1986.

3- Kenneth Clark, *Por uma nova relação*, Londres Epworth 1984 pp.98ss. Ver também Michael Nazir-Ali " *Aquilo que não deve ser encontrado, mas que nos encontra*" In: *Por uma teologia para o diálogo inter-religioso*, pp.40ss.

689 apreciação mais positiva dos seguidores de outras religiões, que, com
690 arrependimento e alquebrados, estão à procura de Deus.⁴
691

692 52. Hoje, há vários homens e mulheres com certo número de visões rivais da
693 realidade, que exigem fidelidade e às quais procuram ser leais com variados
694 graus de compromisso. Alguns desses sistemas de vida e pensamento foram
695 considerados tradicionalmente de "religiosos" tais como judaísmo, cristianismo,
696 islamismo, sikhismo, budismo, hinduismo e religiões africanas tradicionais
697 entre outros. Alguns não foram considerados religiosos tais como humanismo
698 secular, existencialismo e marxismo entre outros. Todos eles, no entanto, têm
699 demonstrado a capacidade de exigir fidelidade de grande número de homens e
700 mulheres. Os cristãos podem e devem investigar junto com todos tais
701 indivíduos e grupos fiéis a plenitude da humanidade que, para eles, está
702 englobado em Cristo.
703

704 53. Tal investigação comum da significação última da condição humana tem
705 sido recentemente denominado de "diálogo". A palavra não é nova, o seu uso
706 numa frase como "diálogo inter-religioso" tem causado certa confusão e
707 controvérsia. Para alguns, o diálogo, por implicar na necessidade de ouvir seria
708 e abertamente a outra pessoa, parece sugerir que a proclamação das Boas
709 Novas do que Deus tem feito em Jesus Cristo é desnecessária. Parece haver
710 algum temor de que o uso do termo "diálogo" tem a intenção de excluir tal
711 proclamação. À luz do que já foi dito até aqui, o diálogo é um estudo comum e
712 mútua da significação última da condição humana. Compreendido desse modo,
713 o diálogo não pode frustrar a proclamação do Evangelho. Ao contrário, tal
714 discussão honesta e aberta requer proclamação, pois vamos ao "diálogo" já
715 enriquecido com uma compreensão particular da significação de nossa
716 humanidade comum, uma compreensão que está fundada na realidade de
717 Cristo e por ela definida.
718

719 54. É verdade que haverá estágio nesse processo em que não compreendemos
720 a linguagem, a cultura e o compromisso de nossos parceiros suficientemente
721 para tornar o nosso ponto de vista acessível e inteligível a eles. Não devemos
722 procurar os atalhos, que nos livrem de trabalhos pesados de ouvir. A história
723 humana está pleno de episódios trágicos devido, em grande parte, ao fracasso
724 dos grupos e indivíduos se comunicarem uns aos outros. Pode ser desalentador
725 o esforço de aprender uma língua estrangeira. No caso do diálogo podemos
726 estar lutando com duas línguas estrangeiras ao mesmo tempo. O nosso
727 parceiro pode literalmente falar uma língua completamente diferente da que
728 falamos e ter uma linguagem *religiosa* que exige aprendizagem paciente para
729 que a entendamos. Nesse estágio é possível que caiamos na tentação de
730 andarmos pelos atalhos e de falarmos antes que dominemos uma língua ou
731 tenha dominado apenas uma língua. Se o diálogo deve crescer, alguém tem de
732 dar-se ao trabalho de assegurar que existe uma área comum de discurso.
733

734 55. Esse estudo comum da significação última da condição humana, que
735 denominamos de "diálogo" não é domínio apenas de especialistas.
736 Certamente, eles são necessários. A Igreja deve especialmente preparar

4- Ver, por exemplo, ANDERSON, J.N.D. *Christianity and Comparative Religion*, Tyndale Press 1970, pp.91ss.; *God's Law and God's Love*, London, Collins, 1980; EDWARDS, D.L. & STOTT, J.R.W., *Essentials*, London: Hodder, pp.320ss.

737 alguns, que tenham tempo estritamente necessário para se aprofundar na
738 linguagem e disciplinas acadêmicas envolvidas nas tradições ricas e
739 diversificadas que mantêm a lealdade de nossos irmãos e irmãs. Mas não deve
740 ser restrito aos especialistas. Há sentido real em que o diálogo pode começar
741 onde as pessoas se encontram. Sabemos que isso é verdade até mesmo no
742 encontro dos cristãos. Isso é verdade no encontro das pessoas de diferentes
743 religiões e ideologias. Se estivermos seriamente abertos à experiência de
744 outros, compartilhamos juntos muito do que significa ser humano e talvez,
745 novas idéias e percepções uns com os outros.

747 56. Para que se realize tal encontro, é preciso, contudo, que haja compreensão
748 e confiança mútuas. Isto pode levar tempo para tal. Não significa, entretanto,
749 que não pode haver diálogo até que haja perfeita compreensão e confiança.
750 Seja até que ponto for, havendo confiança e compreensão mútuas, podemos
751 honestamente explorar juntos as implicações comuns de nossa humanidade e
752 de nossas esperanças, temores e compromissos. Tal participação pode tornar-
753 se a base de uma confiança e compreensão mais profundas. Mesmo se apenas
754 um parceiro está verdadeiramente interessado na compreensão da experiência
755 de outro, pode haver o começo de um diálogo.

757 57. Tal estudo mútuo das implicações de nossa vida em comum torna *mais fácil*
758 *a participação no serviço à comunidade*. Quando percebemos o quanto temos
759 em comum com os outros, quando permitimos a nós mesmos que sintamos as
760 dores e alegrias, temer seus temores e cantar suas canções, vê-los como eles
761 vêem a si mesmos (talvez a nós mesmos como eles nos vêem), então,
762 podemos descobrir no que podemos cooperar. Isto é também uma forma de
763 diálogo. Trabalhar juntos num problema comum, prosseguir um alvo comum
764 significa aprender a comunicar-se. Se a cooperação exige alguma capacidade
765 de se comunicar como um requisito, também desenvolve e treina essa
766 habilidade para um nível até superior.

768 58. A experiência do encontro, da compreensão e cooperação com outros
769 torna-se *um meio eficaz de testemunho autêntico do Evangelho de Cristo*.
770 Quando alcançamos o patamar onde podemos realmente trabalhar junto com
771 homens e mulheres de outros compromissos, então, estamos numa posição
772 realmente para demonstrar como a nossa compreensão da significação última
773 da condição humana em Cristo influi na vida que vivemos. (Para. 55-58; Cf.
774 Resolução 20).

776 59. No curso desse processo teremos tido o privilégio de estar perto da
777 presença daquele Deus que nos amou e nos trouxe à existência. Em tempo,
778 aprenderemos ouvir alguma coisa da conversa oculta entre Deus e um outro
779 ser humano. Seremos enriquecidos para tanto. A nossa compreensão de Deus
780 será mais rica para isso. Talvez o nosso parceiro seja mais enriquecido para tal
781 experiência.⁵

783 60. Para algumas Igrejas da Comunhão Anglicana há muita oportunidade para
784 o diálogo com o humanismo secular, a qual se derivou da Renascença na

5- Ver ainda Diretrizes para o Diálogo, CMI, Genebra 1971

785 Europa Ocidental. Na medida em que a cultura ocidental se tornou
 786 secularizado, o humanismo se rompeu de suas raízes cristãs e se constitui
 787 agora uma religião rival, porque exige fidelidade última no lugar da relação de
 788 fé com Jesus Cristo. Porém sustenta valores, atitudes, e objetivos culturais em
 789 comum com os cristãos. Essa base comum abre possibilidades imensas para o
 790 diálogo nos termos de compreensão do diálogo expressa neste relatório.

791
 792 61. Além do humanismo secular, há necessidade de estarmos em diálogo com
 793 outras formas de ideologias seculares, que se desenvolveu ao lado do
 794 humanismo. Em particular existe uma necessidade urgente de falarmos com
 795 homens e mulheres, que têm seu compromisso com várias formas de ideologia
 796 comunista. Em muitas partes do mundo cristão tal diálogo já é uma realidade.
 797 Nossos irmãos e irmãs profundamente cristãos nos contam que sua fé tem sido
 798 aprofundada na medida em que foram desafiados pelo profundo compromisso
 799 dos comunistas na sua luta pela libertação humana e para uma sociedade
 800 justa. Sua experiência convoca muitos de nós na Igreja para uma luta
 801 renovada pelos direitos humanos, justiça e paz. É um bom exemplo de um
 802 diálogo, que mostra sua profunda influência em nossa consciência cristã,
 803 mesmo entre os cristãos que estão diretamente envolvidos nesse diálogo.

804
 805 62. Muitos cristão sentiram que sua fé foi aprofundada e sua compreensão da
 806 humanidade alargada através do diálogo com o budismo, hinduísmo e
 807 sikhismo.⁶ Infelizmente, não tivemos a oportunidade de rever muito dessa
 808 obra nesta Conferência. Apelamos os de nossa Comunhão, que vivem em
 809 contato homens e mulheres, que têm compromisso com essas religiões para
 810 estudar com eles suas experiências e refletir juntos sobre os problemas e a
 811 rica tradição dos países e civilizações asiáticos. Esperamos que eles
 812 compartilharão com todos nós o que as novas percepções beneficiam a
 813 realidade da plena humanidade que é nossa em Cristo.

814
 815 63. Embora sejam denominados freqüentemente de fé abrahâmica em sua
 816 diversidade, com judaísmo e islamismo o diálogo é mais urgente e mais difícil,
 817 ao mesmo tempo. No que se refere ao judaísmo, não se deve permitir aos
 818 cristãos se esquecer como séculos de anti-semitismo resultou na atrocidade
 819 sem precedência do holocausto em nosso século. Só pela demonstração de
 820 algum arrependimento autêntico e identificação com as vítimas de anti-
 821 semitismo que os cristãos ocidentais podem adquirir o direito de desafiar as
 822 reações violentas de um estado judaico inseguro e ameaçado. Proceder desse
 823 modo não só em nome de cristãos e muçulmanos árabes, especialmente, na
 824 Palestina, mas em nome da própria herança judaica. Observamos com
 825 interesse e simpatia a emergência de uma "teologia judaica de libertação",
 826 que esperamos assumir dentro da comunidade judaica internacional a causa
 827 dos oprimidos.⁷

828
 829 64. Há muito o Islam tem sido considerado, especialmente na Idade-Média,
 830 como uma força contrária negativa ao cristianismo. A rica herança da arte e

6- Por exemplo, KLOSTERMAIER, Klaus. *Hindu and Christian in Vrindaban*, Londres: SCM 1969; HOOKER, Roger. *Uncharted Journey*, Londres: SCM 1973; HAMMER, Raymond. *Japan's Religious Ferment*, Londres: SCM 1971

7- Exemplo disto encontra-se em, COHN-SHERBOCK, D. *Na Terra como no Céu: judeus, cristãos e a teologia da libertação*, Nova York: Orbis, 1987

831 literatura islâmicas, teologia e misticismo, à qual têm contribuído os cristãos
832 orientais e a preocupação profunda muçulmana com a verdadeira *igualdade*
833 debaixo de Deus são coisas pelas quais damos graças a Deus. Também
834 lembramo-nos houve estados muçulmanos cuja tolerância religiosa
835 envergonha os cristãos da mesma época (como na Espanha medieval). Hoje,
836 como às vezes no passado, muitos de nossos irmãos e irmãs enfrentam o
837 islamismo agressivo e exclusivista, ameaçando a própria vida da Igreja em
838 muitos países. Eles estão em nossas orações e têm o nosso apoio. Se deve
839 haver diálogo com o Islamismo, deve basear-se no fato de que o Islamismo
840 moderno "fundamentalista" jamais representa toda a estória do Islamismo
841 como também as Cruzadas não representaram o Cristianismo. Podemos ser
842 enriquecidos com a maneira muçulmana de ser humano em sua plenitude
843 histórica. Um diálogo cristão verdadeiramente informado pode ser um fator
844 que ajuda os muçulmanos a reconhecer que essa plenitude e resistir as
845 pressões por uma resposta violenta e estreita para com os cristãos e outros.⁸

846
847 65. Surge de um diálogo inter-religioso fiel um número de questões práticas
848 sobre as quais podem ser feitos comentários breves.

849
850 66. Pessoas de diferentes tradições religiosas podem adorar juntas? Tais
851 pessoas compartilham uma crença comum "naquilo que é outro" e por meio da
852 preocupação comum com a unidade e bem estar da raça humana têm sentido,
853 às vezes, que é bom orar juntos pela justiça e paz. O evento de Assis em 1986
854 era uma ocasião dessas. A própria forma desse evento sugere, contudo, que
855 não podemos participar de alguma coisa como uma liturgia comum, ato
856 específico de uma comunidade específica, mas só podemos orar ao lado de
857 cada um.

858
859 67. Há a obrigação cristã de hospitalidade às pessoas de outra confissão
860 religiosa? Em muitas Províncias, os cristãos têm demonstrado um desejo de
861 receber e ajudar as comunidades de imigrantes e refugiados. Uma parte desse
862 auxílio tem consistido em compartilhar e vender a propriedade da Igreja de
863 modo que as pessoas de outra fé tenham lugar para o encontro e adoração.
864 Tal hospitalidade desconcerta, às vezes, os cristãos em países onde os cristãos
865 representam uma minoria cercada e onde tal hospitalidade tem sido usada
866 como uma oportunidade para fins de propaganda religiosa e política. A
867 despeito disso, desejamos reafirmar o nosso compromisso com a própria
868 hospitalidade para os estrangeiros destituídos. Nisto acreditamos que estamos
869 seguindo o exemplo de nosso pai, Abraão.

870
871 68. Cremos que a liberdade de as comunidades religiosas se reunirem para
872 suas atividades características e liturgias é um direito humano fundamental, e
873 que essa liberdade deve ser concedida e preservada por todos os governos.
874 Lamentamos que, em alguns estados islâmicos essas liberdades não são
875 concedidas, nem protegidas. (Ver Resolução 23.)

876
877 69. O problema quanto à legitimidade de compartilhar a adoração ou não nos
878 traz de volta à realidade do Cristianismo como é, de fato. É uma resposta ativa

8- Ver ainda NAZIR-ALI, Michael. *Islam: A Christian Perspective*, Philadelphia. Westminster, 1983 A Conferência recebeu e louvou o documento *Jews, Christians and Muslims: The Way of Dialogue*.

879 para com a obra expiatória e reconciliadora de Deus em Cristo, que se
 880 expressa primariamente em ações realizadas e não em sistemas de idéias. Por
 881 isso, voltamos, em seguida, à questão de o "padrão de ações feitas" torna um
 882 todo coerente e o que a Comunhão Anglicana, em particular, entende ser
 883 pontos de referência autorizados para sua vida e ensino.

886 **A HERANÇA CRISTÃ: ELEMENTOS DE AUTORIDADE**

888 70. Em qualquer sociedade humana, seja qual for o seu tipo, a autoridade tem
 889 sua base na vida que a comunidade compartilha, nas práticas, rituais e
 890 linguagem nas quais ela encarna essa vida compartilhada e transmite as
 891 atitudes, valores e crenças que ela acarreta. A tarefa da autoridade consiste
 892 em transmitir, salvaguardar e difundir um modo de vida que se encarna nessa
 893 forma.

895 71. Na comunidade cristã, a vida que seus membros compartilham não se
 896 origina dela mesma mas está enraizada na vida do Cristo crucificado e
 897 ressuscitado e é conferida por Deus através da ação do Espírito Santo. Deus
 898 envia o Espírito de seu Filho aos nossos corações, que clama Abba, Pai. (Gl
 899 4.6) e a relação que é assim estabelecida funda a Igreja e constitui a vida
 900 compartilhada de todo o povo de Deus. Por essa razão, as práticas, liturgias e
 901 linguagem da Igreja têm como sua função primária a mediação dessa relação
 902 com Deus em Cristo com que ela é, em oração, louvor e ação de graças a
 903 Igreja oferece a si mesma a Deus e que a própria ação torna-se veículo pelo
 904 qual Deus é conosco. Por conseguinte, dizemos que a tarefa primordial da
 905 autoridade na Igreja é capacitar cada membro da mesma a ingressar nessa
 906 relação e vivê-la. Como discípulos, crentes começam aqui e agora a viver,
 907 compartilhar o testemunho da vida do reinado vindouro de Deus.

909 72. Quando as Conferências anteriores formularam o Quadrilátero de Chicago-
 910 Lambeth, elas definiram, de fato, se não intencionalmente, o que os anglicanos
 911 dizem pelas práticas, liturgias e linguagem mais universais e fundamentais da
 912 Igreja. A Igreja expõe as Escrituras e faz uso dos Credos Ecumênicos como
 913 confissão da fé também como esquemas de instrução. Além disso, a Igreja
 914 cumpre essas funções nas liturgias características focalizadas no Batismo e na
 915 Eucaristia, sob a presidência de um ministério pastoral de supervisão, que
 916 vincula a Igreja no tempo e no espaço. No seu conjunto essas instituições
 917 constituem o entrosamento, uma série de atividades e práticas
 918 interdependentes, que tanto sustentam a Igreja quanto identificam-na como o
 919 povo de Deus em Cristo. São condições necessárias da unidade, santidade,
 920 catolicidade, apostolicidade da Igreja. Elas marcam pontos essenciais em sua
 921 vida onde a graça e verdade, na Palavra feita carne são transmitidas e
 922 mediadas aos crentes.

924 73. A primeira coisa a ser dita acerca da autoridade como os cristãos a
 925 entendem é que sua fonte é a Trindade divina. Deus deu ao Cristo ressuscitado
 926 autoridade sobre toda a Criação (Mt 28.18). A Igreja, da qual Cristo é o cabeça
 927 porque ela vive de Sua vida, é aquela parte da humanidade que reconhece a
 928 autoridade de Cristo.

929
930
931
932
933
934
935
936
937
938
939
940
941
942
943
944
945
946
947
948
949
950
951
952
953
954
955
956
957
958
959
960
961
962
963
964
965
966
967
968
969
970
971
972
973
974
975
976
977
978

74. No mundo, a autoridade é exercida numa multiplicidade de meios, mas só torna-se explícita na vida da Igreja por meio das vidas e nos feitos dos que, pelo Batismo, são unidos com Ele na semelhança de sua morte. Por meio de seus corpos mortais, Ele continua vencer os poderes das trevas, curar os enfermos no corpo e no espírito, atrair todos para si. A autoridade de Cristo no mundo e sobre o mundo é, por conseguinte, significativa, mas não exclusivamente exercida no testemunho da Igreja, por meio do qual sua obra de redenção é levada à realização no mundo todo até que Deus seja tudo em todos.

75. Na comunhão dos crentes, Cristo exerce autoridade para um propósito particular. Sua autoridade chama a Igreja e a mantém unida para que seja seu Corpo, sinal visível de Sua presença ao mundo e do povo sacerdotal que oferece os sacrifícios espirituais a Deus. Os membros da Igreja têm, por isso, uma vocação para serem filhos e filhas de Deus, discípulos e cooperadores da Palavra de Deus. A sua vocação é franqueada a eles e a eles é conferida por meios concretos, isto é, através de uma série de liturgias e práticas organicamente relacionadas e conduzidas por agentes humanos, pelas quais o Espírito Santo vincula a Igreja com Cristo e capacita-a para participar do seu divino chamado e destino.

76. Todavia, os seres humanos são inteligentes, auto-conscientes, que discernem o sentido em sua experiência e comunica esse sentido, por meio de linguagem, isto é, pelo uso de sinais e símbolos. Por essa razão, a questão do exercício da autoridade de Cristo na Igreja tem-se inclinado, por razões práticas, a centrar-se em torno de seu ensino comunicável, isto é, a questão de como os crentes devem entender e comunicar, em doutrina e feitos, o que Cristo, por meio do Espírito Santo, tem mostrado a eles a respeito de Deus e deles mesmos. Todavia, mal se levanta essa questão uma coisa fica clara. A Igreja é de necessidade e não por acidente uma comunidade contínua de interpretação. Sua busca por compreensão do ensino ou a "mente" de Cristo assume a forma de um processo, em que a Igreja interpreta e aplica, de quando em quando, a linguagem das fontes das quais ela aprende de Cristo e pelas quais O ouve. Por sua vez, isto requer que se identifiquem tanto meios confiáveis de compreensão dessas fontes quanto a agentes confiáveis de sua interpretação.

77. Pode haver pouca dúvida para os anglicanos ou para seus companheiros cristãos de outras tradições com respeito à identidade do que chamamos de "fontes" do conhecimento da Igreja sobre o Cristo. Todos afirmam a autoridade soberana das Santas Escrituras como o meio pelo qual Deus pelo Espírito Santo comunica a sua palavra à Igreja e capacita, assim, o povo a responder com compreensão e fé. Esse veículo de mediação da Palavra de Deus é, naturalmente, uma coleção de escritos humanos, toda uma literatura que registra - na forma de narrativas históricas, lendas, profecias, poemas, parábolas e cartas - a estória de Deus que lida com uma série contínua de comunidades humanas e de resposta destas aos atos de julgamento e salvação. Essas Escrituras da Igreja recebem a qualificação de "testemunho inspirado de modo único da revelação divina", e "norma principal para a fé e

979 vida cristãs". Essa norma redundantes em sua compreensão de Deus, de
980 Cristo em quem "Deus é conosco", por conseguinte, em sua própria salvação e
981 chamada.

982
983 78. Todavia, a Escritura deve ser traduzida, lida e entendida, e, por
984 conseguinte, o seu significado deve ser compreendido só por meio de um
985 contínuo processo de interpretação. A sua mensagem essencial não é velada
986 nem ambígua, mas clara e inteligível. Entretanto, essa mensagem deve ser e,
987 de fato, o é, anunciada e explanada em circunstâncias, nos contextos culturais
988 e linguagens em constante mudança. Disso surge uma questão: quais
989 princípios governarão a exposição das Escrituras por parte da Igreja e quais
990 orientações serão aceitas para sua interpretação. Constantemente, desde o
991 século XVII os anglicanos têm voltado a essa questão para terem uma
992 resposta ampla ou geral. A Escritura deve ser compreendida e lida, à luz
993 iluminada pelos contextos da "tradição" e "razão".

994
995 79. Tome-se a palavra "tradição". Num sentido esse termo pode denotar a
996 própria Escritura, porque ela encarna a "tradição", "a mensagem", "a fé uma
997 vez entregue aos santos". Porém a tradição pode também denotar, num outro
998 sentido e no sentido lato, não o depósito da fé, mas a vida contínua da Igreja
999 guiada pelo Espírito Santo, que recebe a mensagem de Deus e ao recebê-la a
1000 interpreta. As Escrituras são produtos da tradição como a entendemos. Elas
1001 são a literatura que a Igreja recebeu gradualmente e as definiu como
1002 interpretação que tem autoridade e incorporação da palavra pela qual a Igreja
1003 vive. Uma vez reconhecidos como "livros da Igreja" neste sentido especial,
1004 estes tornam-se, entretanto, assunto de um contínuo processo de
1005 interpretação que assume um miríade de formas. Na pregação, ensino,
1006 padrões de oração comum e individual, exegese erudita, hábitos de conduta e
1007 ação, definição dogmática, a Igreja se apropria das Escrituras e expressa sua
1008 compreensão das mesmas. Essa tradição viva de interpretação contínua fez
1009 surgir fórmulas de peso, de influência e de autoridade: orações eucarísticas
1010 clássicas, por exemplo, e hinos populares, para não mencionar os Credos
1011 ecumênicos, que se fazem paralelo às Escrituras como sumário da mensagem
1012 essencial.⁹

1013
1014 80. Entretanto, a tradição neste sentido não deve ser equacionada,
1015 simplesmente, com as fórmulas clássicas ou formulários que ela produz. Antes,
1016 a tradição é a "mente" viva e crescente da Igreja que se formou de geração
1017 em geração e foi desafiada pelas Escrituras no processo de apropriação
1018 daquela Palavra na liturgia, vida e ensino. O apelo à tradição é o apelo à sua
1019 "mente", a mente conduzida e articulada pela própria linguagem que a Igreja
1020 fala na adoração e pregação - como recipiente melhor sintonizado do que
1021 máximo grau de sintonização com a palavra de Deus.

1022
1023 81. Então, que devemos fazer com a "razão"? Falando propriamente, a "razão"
1024 significa simplesmente a capacidade humana de simbolizar e ordenar,
1025 compartilhar e comunicar a experiência. É a dádiva divina em virtude da qual
1026 as pessoas respondem e agem com a consciência em relação ao seu mundo e

¹⁰- *Por causa do Reino*, pp.65ss.

1027 Deus. Compreendida nesses termos a razão não pode ser divorciada nem das
1028 Escrituras nem da tradição, porque nenhuma delas é nem mesmo concebível à
1029 parte da ação da razão.

1030

1031 82. Todavia, considerada de uma outra perspectiva, a razão significa não
1032 tanto a capacidade de fazer sentido das coisas como de fato ela faz. O apelo à
1033 razão torna-se, então, o apelo ao que o povo - e isto significa um povo num
1034 dado lugar e tempo - considera bom senso ou senso comum. Em síntese, ela
1035 se refere ao que chamamos da "mente" de uma cultura particular com suas
1036 maneiras características de ver as coisas, indagar a seu respeito e explaná-las.
1037 Então, se a tradição for a mente que os cristãos compartilham como crentes e
1038 membros da Igreja, a razão é a mente que eles compartilham como
1039 participantes numa cultura particular. É a destilação, em linguagem e
1040 perspectiva, da experiência, que constitui um certo modo de existência. Houve,
1041 na história, épocas e locais onde a mente de uma cultura coincidia com a
1042 mente representada pela tradição da Igreja: a Europa latina da Idade Média e
1043 a cultura dos armênios poderiam ser mencionadas. Entretanto, geralmente não
1044 tem sido assim. Em particular, nos tempos modernos, que têm sido
1045 denominados de moderno precisamente porque desafia a tradição cristã em
1046 nome da razão.

1047

1048 83. Essa circunstância deu origem a uma certa desconfiança da razão entre os
1049 cristãos e talvez se compreenda essa atitude. A desaprovação da razão,
1050 daquilo que "dá sentido" ao mundo, tornou-se quase um hábito nas Igrejas.
1051 Entretanto, o anglicanismo vê a "razão" no sentido da mente da cultura em
1052 que a igreja vive e o evangelho é proclamado, como instrumento legítimo e
1053 necessário para a interpretação da mensagem de Deus nas Escrituras. A
1054 Palavra de Deus, que incorpora "Deus-conosco" não é dirigida à Igreja isolada
1055 do mundo, mas à Igreja como parte do mundo. Por isso, o Evangelho que está
1056 nas Escrituras deve ser ouvido e ouvido e interpretado na linguagem que
1057 carrega consigo a "mente" e distila a experiência do mundo que Deus está
1058 chamando para ser transformado e renovado no Reino que Jesus anuncia.¹⁰

1059

1060 84. A tradição e razão representam, assim, dois contextos distintos, em que
1061 as Escrituras falam e são interpretadas. É na influência recíproca e no conflito
1062 entre eles - entre a mente comum da Igreja e a mente comum da cultura -
1063 que se discerne o sentido do Evangelho para um tempo e lugar particulares.
1064 Com efeito, poder-se-ia argumentar que a tradição - o que denominamos de
1065 mente da Igreja - é o repositório de tais discernimentos estimulados pela
1066 tradição e linguagem de uma cultura particular. Estar envolvido nessa situação
1067 dialógica é sempre desconforto. Talvez se torne perigoso só quando o que é
1068 propriamente um diálogo se torne em monólogo longo dito somente por uma
1069 das partes. A tradição e a razão requerem uma a outra se desejar compartilhar
1070 a Palavra de Deus.

1071

1072 85. Todavia, o processo da interpretação pelo qual Deus chama, ensina, e
1073 alimenta as pessoas como seus discípulos da Palavra exige que a Escritura,
1074 razão e tradição falem por meio das vozes de pessoas vivas. Elas podem, com

¹⁰- *ibid.* pp.39ss

1075 freqüência, permanecer mortas e caladas à parte da atividade dos agentes
1076 humanos, mestres particulares e coletivos que dão testemunho do fruto do
1077 estudo, oração e experiência declarando, explanando e esclarecendo a
1078 mensagem de Deus.

1079
1080 86. Aqui pensamos, em primeira instância, no "ministério oficial", dos
1081 pastores e mestres que Cristo chamou a Igreja para "dar testemunho do
1082 Evangelho da graça de Deus" (At 20.24) e para preservar a verdade que a eles
1083 foi confiada (2Tm 1.14). Tais pessoas como ministros da Palavra e do
1084 Sacramento são os agentes principais, pelos quais a autoridade de Cristo que
1085 alimenta a Igreja está representada. São, acima de tudo, responsáveis pela
1086 interpretação das Escrituras na proclamação, ensino e conselho e tem uma
1087 chamada especial para falar a partir da tradição e mente da Igreja.

1088
1089 87. Porém, os mestres da Igreja não estão restritos à classe dos detentores
1090 ordenados do ofício. Deus suscita na Igreja profetas, sábios e homens e
1091 mulheres santos, que, independente da ordenação, encarnam em suas vidas a
1092 graça e as exigências do Evangelho. A tais pessoas a Igreja ouve
1093 inevitavelmente e as ouve com alegria, pesando suas palavras e apropriando
1094 sua orientação na medida que pode. Tais pessoas podem ser eruditos e
1095 pensadores, ou seguidores simples do Caminho. Podem falar e agir na arena
1096 pública ou nas relações em nível mais pessoal. Podem falar na sua experiência
1097 pessoal ou dos grupos de pessoas dentro da Igreja e no mundo. De qualquer
1098 forma, o ministério deles é parte significativa da economia da autoridade na
1099 Igreja.

1100
1101 88. Finalmente, há uma autoridade essencial que pertence ao corpo de
1102 crentes como um todo. É a tarefa dos pastores e mestres da comunidade para
1103 ministrar o ensino do todo da fé que a Igreja professa e nada mais. A
1104 comunidade exerce, por sua parte, juízo crítico sobre o ensino e liderança que
1105 ela recebe. Isto não é principal ou mesmo primariamente uma questão de
1106 votos nos Sínodos. O fiel exerce, na maioria das vezes, seu juízo quieto e sem
1107 muito reparo, reconhecendo ou não reconhecendo sua própria identidade cristã
1108 no ensino, liderança, e cuidado pastoral de seus pastores e sábios. "A
1109 identidade surge não só do ofício mas também do que se diz. A autoridade é
1110 minada quando o seu ensino não reflete a experiência dos que lhe estão
1111 sujeitos."¹¹ No fim, a doutrina deve, embora proposta e definida, ser recebida
1112 pela comunidade de crentes, à qual é dirigida como estando de acordo com as
1113 Escrituras e tradição.

1114
1115 89. A atuação da autoridade na Igreja é complexa. A sua função primária
1116 consiste no cuidado pastoral dos fiéis a caminho do discipulado por amor do
1117 Reino de Deus. Todavia, esse cuidado se realiza por meio de um processo
1118 contínuo de interpretação, em cujo centro está a exposição das Escrituras no
1119 contexto litúrgico. Este processo envolve um apelo à mente estabelecida da
1120 Igreja bem como ao padrão do que é considerado "racional" na cultura em que
1121 a Igreja vive. Inevitavelmente, é levada aos limites a relação entre essas
1122 diferentes maneiras de ler as Escrituras, de entender a mente de Cristo. Essa

¹¹- J.Marshall, *The Tablet*, 28 de agosto de 1988

relação é caracterizada pelo conflito bem como pela complementaridade. Ao mesmo tempo, cada comunidade cristã deve tratar das questões que são levantadas pela evolução intelectual, social e político no mundo em que ela se encontra. Sua resposta representa, também, parte de sua interpretação das Escrituras e da Palavra que a Escritura faz mediação. Então, a atuação da autoridade na Igreja envolve, inevitavelmente, conflito e divergência. Com efeito, corresponde à verdade dizer que a autoridade na Igreja age através do conflito, e não a despeito do mesmo. Sua função principal não consiste, então, em propiciar respostas a todas as possíveis questões antes da hora, mas em assegurar que quando houver divergência procura a sua solução de acordo com os princípios, em relação à qual os cristãos discernem normalmente a mente de Cristo para eles, isto é, a solução enraizada nas Escrituras, em consonância com a mente da Igreja e com "racionalidade" no sentido de que ela fala a linguagem que o mundo pode entender. Isto é, o que se diz tem sentido mesmo que não fosse o que esperava. Nesse nível a autoridade na Igreja se refere não tanto a um direito absoluto de decisão investido em algum indivíduo particular ou num grupo. Ela significa muito mais um direito de orquestrar argumento e consulta com vistas para garantir que o que emerge da divergência será uma compreensão que cresce das fontes autênticas da vida da Igreja. Um resultado inevitável de tal processo será a exclusão de ensinamentos ou formas de conduta consideradas finalmente inconsistentes com a fé cristã.¹²

90. Aqui está a resposta à questão levantada com freqüência: se não há limites à pluralidade de interpretação do Evangelho. O fato de que a Igreja usa os Credos tradicionais estabelece, afinal, que há um limite entre o verdadeiro e o falso ou herético. Porém, a tradição contém uma variedade espantosa de possibilidades. E é muito difícil de discriminar precisamente, em cada novo desenvolvimento de interpretação, o que está "dentro" e "fora" dos limites. Mas o fato de que podem surgir dificuldades em alguns casos, não significa que não haja limites, nem que a maioria dos cristãos não se mantenham fiéis confiantes ao centro da fé, que é Jesus Cristo.

91. Depois que levantamos a questão de como devemos tratar do conflito e divergência, partimos para uma nova área do discurso, isto é, o que se ocupa com as *estruturas* da consulta e da decisão.

ESTAR NA COMUNHÃO

92. A Comunhão Anglicana consiste de uma família de Igrejas que se consideram estar em comunhão umas com outras. Nos momentos em que há debate e divergência na família, é essencial estabelecer toda a consideração do que se poderia dizer com o ser anglicano no contexto mais amplo do termo familiar e antigo (bíblico) "comunhão" A questão teológica fundamental acerca da identidade do anglicanismo equivale à pergunta ao cristão qual é o sentido de estar em comunhão.

¹²- Muitos das questões relacionadas com as fontes e exercício da autoridade são discutidos em SYKES,STEPHEN. (ED) *Authority in the Anglican Communion*.

1171
 1172 93. No Credo dos Apóstolos dizemos: Creio... na comunhão dos santos
 1173 (*communio sanctorum*). Na Coleta de Todos os Santos em amplo uso pela
 1174 Comunhão Anglicana ouvimos acerca de toda a Igreja no céu e na terra
 1175 vinculada uma só comunhão. Que é essa comunhão? É, fundamentalmente, o
 1176 dom redentor da incorporação no Cristo, no Senhor crucificado, ressuscitado e
 1177 ascenso. "Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho
 1178 Jesus Cristo, nosso Senhor.(1Co 1.9) É uma comunhão de tanto de aflição,
 1179 participação no sofrimento de Cristo, como também de conforto, participação
 1180 pela esperança na ressurreição de Cristo. (2Co 5.3-11) Em virtude de ser uma
 1181 comunhão, que nos sustenta no decorrer de nossa vida, em que recebemos os
 1182 primeiros frutos de nossa eventual redenção (Rm 8.9-25) São Paulo fala nela
 1183 como a comunhão do Espírito Santo (2Co 13.14). A comunhão com Cristo é
 1184 comunhão no Espírito.

1185
 1186 94. Isto tem a conseqüência no sentido de que somos levados para dentro da
 1187 própria vida da Trindade Divina. "A nossa comunhão é com o Pai, e com o seu
 1188 Filho Jesus Cristo." (1Jo 1.3) O Pai e o Filho fazem a sua morada com os que
 1189 amam o filho (Jo 14.23), e haverá mútua habitação do Filho em nós e nós
 1190 Nele. Sendo levados para vida divina toda a ordem criada é conduzido para a
 1191 relação com o Pai que cria e o Filho que cria e redime, e o Espírito Santo que
 1192 cria e santifica. A vida humana e toda a ordem natural estão, portanto,
 1193 colocados no horizonte da criação e da consumação.

1194
 1195 95. A comunhão com Cristo significa, também, a comunhão com todos os que
 1196 pertencem a Cristo. Por meio da resposta da fé e do batismo, cristãos fazem
 1197 parte dum corpo vivo, a Igreja, corpo de pessoas que têm compromisso com a
 1198 relação uns com os outros. No Novo Testamento, as implicações disto estão
 1199 soletradas realística e concretamente. Implica na tarefa de sobrepujar as
 1200 divisões impostas pela cultura, ou pela discriminação da raça, casta, classe e
 1201 sexo. (Gl 3.28, "Sois um em Cristo Jesus.") Isto significa dar auxílio material
 1202 aos carentes (Rm 15.27), prezar cada crente pelo dom que o Espírito Santo lhe
 1203 conferiu, a fim de ser usado para o benefício de toda a comunidade. (1Co
 1204 12.12-30) Assim o Evangelho estabelece como o padrão normativo da vida da
 1205 comunidade a relação de interdependência, de reciprocidade entre as pessoas.

1206 1207 1208 **RELACIONAMENTO E CRESCIMENTO**

1209
 1210 96. Conseqüentemente, a qualidade característica de uma vida vivida em tal
 1211 comunhão é relacionamento e crescimento. Isto é verdade tanto de uma
 1212 relação de amor e fé para com Deus quanto de crescimento espiritual na
 1213 qualidade de nossa relação uns com os outros. Os que são batizados são
 1214 chamados para refletir a glória do Senhor como são transformados na sua
 1215 semelhança pelo poder do Espírito Santo no esplendor cada vez mais
 1216 crescente. (2Co 2.18) Para sustentar-nos nesse crescimento a Igreja recebeu o
 1217 dom da Santa Comunhão, companhia sacramental no corpo e sangue de
 1218 Cristo. Compartilhar nesse dom pela fé com ação de graças é ser fortalecido e
 1219 alimentado pelo corpo de Cristo, ser construído como parte integral de uma
 1220 casa espiritual e um sacerdócio santo. (1Pe 2.1-6).

1221
1222 97. Somos conduzidos pela eucaristia, sacramento da unidade, para o
1223 relacionamento com a Criação e com toda a humanidade. O horizonte
1224 eucarístico é o de novo céu e nova terra, em que serão reunidas as nações
1225 para a festa no Reino messiânico. É a eucaristia que abre o reinado divino
1226 prometido como a renovação final da Criação e é o seu antegozo,¹³ "a qual
1227 que o que o mundo deve tornar-se: uma oferenda e hino de louvor ao Criador,
1228 uma comunhão universal no corpo de Cristo, um reinado de justiça, amor e
1229 paz no Espírito Santo".¹⁴

1230
1231 98. Além disso, somos conduzidos pela promessa da companhia eucarística a
1232 uma relação de anseio e desejo de estar com aqueles cristãos com os quais
1233 não gozamos a comunhão plenamente institucional, por causa das proibições
1234 contidas na lei canônica ou impostas pela consciência. Aqui nos confrontamos
1235 com um paradoxo, porque, pelo batismo mutuamente reconhecido,
1236 compartilhamos num vínculo básico de incorporação em Cristo, uma transição
1237 e conversão de tal importância extraordinária a ponto de sobrepujar todas as
1238 nossas outras divisões. " Nosso um só Batismo em Cristo constitui a chamada
1239 às Igrejas para vencer suas divisões e manifestar visivelmente sua
1240 comunhão".¹⁵ Este é o contexto ecumênico em que temos situado toda a
1241 divergência entre os cristãos, que, todavia, procuram realizar a sua unidade
1242 em Cristo.

1243
1244 99. Somos desafiados pela eucaristia para uma qualidade cada vez mais
1245 profunda de união espiritual, união de coração e mente com os que temos
1246 comunhão institucional. É disto que São Paulo fala quando ele faz apelo à sua
1247 congregação em Filipo para expor em sua vida conjunta a unidade e humildade
1248 da mente, a mente de Cristo, cada qual considerando o outro melhor do que
1249 ele ou ela própria. (Fp 2.1-11).

1250
1251 100. Tal qualidade de relação é um estar radical com "o outro", um novo
1252 padrão de vida em que os feitos de cura, perdão e libertação de Jesus são
1253 levados avante por seus discípulos.

1254
1255 101. É essencial observar que o crescimento de que temos falado não deve ser
1256 considerado como um progresso ascendente sem desvio. O fracasso,
1257 arrependimento e renovação fazem parte integral das vidas dos cristãos e das
1258 Igrejas. O crescimento, portanto, inclui tanto o avanço como também a
1259 possibilidade de aprendizagem por meio de sofrimento, conflito e retrocesso.

1260
1261 102. No mistério pascal, que estabelece a vitória definitiva da ressurreição de
1262 Cristo entre nós, somos constantemente chamados ao arrependimento e a
1263 uma nova vida através da morte para o pecado.

1264 **COMUNICAÇÃO**

¹³-BEM, parágrafo.22

¹⁴-Ibid.par.4 da Eucaristia

¹⁵-Ibid.par.2 do Batismo

1267
1268 103. Os cristãos recebem a ordem e a capacitação para comunicar o dom
1269 libertador do Evangelho em palavra e ato, para que se realize a comunhão com
1270 Deus e uns com os outros, na história, no tempo e no espaço. Para tanto, é
1271 necessário o uso dos símbolos humanos, que tenham sentido em cultura
1272 específica. Como já afirmamos (ver parag.12), a Igreja tem sua própria
1273 "cultura" e "linguagem", de modo que nunca poderá ser plenamente assimilada
1274 em nenhuma sociedade em que ela se encontra. Mas também ela faz uso da
1275 linguagem preexistente e se expressa em termos dos símbolos culturais
1276 existentes. Assim, a ambiguidade e a possibilidade de equívocos fazem parte
1277 do próprio ato de comunicação do Evangelho.

1278
1279 104. Se, portanto, a verdade do Evangelho deve ser preservada, e a
1280 mensagem deve ser clara e inteligível, todos os meios simbólicos utilizados na
1281 proclamação e na incorporação da mesma, é preciso que haja consistência
1282 entre uma parte e outra. Assim, existe uma tarefa especial que é tanto da
1283 responsabilidade de toda a Igreja como também, especialmente, dos membros
1284 ordenados como seus pastores, para assegurar tanto quanto possível a
1285 consistência da mensagem.

1286 1287 1288 **O REINO E A CULTURA**

1289
1290 105. O Evangelho não é uma invenção humana, nem está sujeito à decisão
1291 humana. É o Evangelho do Reino, o reinado de Deus, que abrange toda a
1292 humanidade, que se fez verdadeiro em Jesus Cristo e que pode agora mesmo
1293 ser testado e experimentado no Espírito. O Reino é a realidade que situa o
1294 mundo, e explica a sua origem e seu destino. É o horizonte "transcendente" do
1295 mundo.¹⁶

1296
1297 106. Há, portanto, um "sim" e um "não" para com a cultura humana. Deve ser
1298 afirmada a cultura, a criação humana do ambiente secundário, porque o
1299 mundo natural com todo o seu potencial e os seres humanos com múltiplas
1300 capacidades são criação boa de Deus. Ao mesmo tempo, contudo, a cultura
1301 humana é também prisioneira e carente de libertação, por causa do pecado e
1302 da alienação de Deus.¹⁷

1303 1304 1305 **DECISÕES PROVINCIAIS**

1306
1307 107. A Igreja é chamada inevitavelmente a tomar decisão de grande
1308 dificuldade e complexidade na discriminação entre o que deve ser afirmado e o
1309 que deve ser negado. Aí está essencialmente uma comunidade de
1310 aprendizagem. Não chegou a uma percepção ou compreensão final. Sua crença
1311 está sendo sempre descoberta e sempre reaprendida em diferentes gerações e
1312 situações. Os contextos e situações mudam e os significados que a cultura leva
1313 consigo também mudam com ela.

¹⁶-*Por Causa do Reino*, p.44

¹⁷-*idem*. pp.77ss

1314
1315 108. A história da doutrina cristã sugere que ser fiel ao que foi conhecido e
1316 revelado no passado envolve-nos freqüentemente a dizer algo novo, porque
1317 continuar dizendo ou fazendo a mesma coisa é, na verdade, *mudar* o sentido
1318 do que foi dito ou feito antes.

1319
1320 109. No tempo da Reforma, a Igreja Anglicana desejou ser fiel à tradição do
1321 tríplice ministério, mas reconheceu que reproduzir os padrões do ministério
1322 medieval ou mesmo patrístico seria uma resposta inadequada às necessidades
1323 do Século XVI em termos de educação e do cuidado pastoral. No Século XIX e
1324 no início do Século XX, a Igreja quis ser fiel à autoridade da Bíblia, mas
1325 reconheceu que as questões críticas e eruditas tornaram impossível reproduzir
1326 o que os séculos anteriores disseram acerca do sentido literal. Mesmo crentes
1327 conservadores teriam agora de responder aos novos desafios e dizer coisas de
1328 modo diferente. Há mais para a fidelidade do que para a repetição e
1329 preservação. A fidelidade caminha de mãos dadas com o estudo e descoberta,
1330 porque a fidelidade é lealdade a Jesus Cristo, por *estar com* as realidades dos
1331 seres humanos particulares. Pois a estes Jesus está sendo proclamando ou
1332 procurando abrir suas vida para Ele.

1333
1334 110. À luz dessa complexidade, é justificável que a maioria das decisões
1335 relativas à comunicação do Evangelho pela Igreja deve ser tomada por aqueles
1336 que estão familiarizadas com os significados apreendidos pelos símbolos em
1337 sua própria cultura. Esta é a raiz do conceito expressamente insatisfatório da
1338 "autonomia" provincial no anglicanismo. A parte forte do anglicanismo ainda
1339 está naquilo que alguns consideram fraqueza, isto é, a suspeita para com a
1340 autoridade centralizada, com qualquer coisa ou com alguém que reclama por
1341 um poder absoluto de veto no que uma Igreja local (dentro de uma disciplina
1342 da comunhão sacramental) faz. Esta fraqueza deve ser considerada um dom,
1343 que capacita o processo da aprendizagem cristã, porque autoriza as Igrejas
1344 locais a tomarem responsabilidade de modo claro e ousado pelo que fazem,
1345 para ser ela mesma, em outras palavras. E, como foi dito anteriormente, se
1346 uma Igreja pode explicar que suas decisões surgem da pressão de tornar o
1347 Evangelho mais claramente ouvido em sua missão, outras Igrejas têm a
1348 responsabilidade de ouvir, considerar a sério o que ouve, dar graças,
1349 independentemente da pressão que se sente ou não, para dar tais passos. E,
1350 inversamente, uma Igreja que não toma a mesma decisão sob os fundamentos
1351 de que, no *seu* contexto, tal passo tornaria a pregação do Evangelho menos, e
1352 não mais, acessível deve ser também ouvida e levada a sério.

1353
1354 111. Como expressão concreta da missão da Igreja numa região particular, os
1355 encontros poderiam ser convocados proveitosamente, com representação
1356 clerical e leiga onde for conveniente e desejável, para planejar para sua
1357 expressão efetiva. Portanto, deve haver provisão suficiente para um processo
1358 de discernimento e para a tomada efetiva de decisão em contextos específicos.
1359 Essa provisão deve conjugar-se com um cuidado real para perceber o impacto
1360 que um curso de ação proposto num contexto tem sobre a outra parte do
1361 mundo. A tomada de decisão pode dar em anomalias. Através da história da
1362 Igreja, crenças e práticas, que vieram duma parte da Igreja mas que têm tido
1363 implicações para outras partes da Igreja têm sido gradualmente recebidas ou

rejeitadas por toda a Igreja. O princípio da recepção não é, portanto, uma invenção moderna. A Igreja tem a experiência de tensão e pluralidade e a verdade é discernida freqüentemente no meio dessa tensão e pluralidade.¹⁸

112. Porém, ao mesmo tempo, e inseparável das responsabilidades das Províncias ou Regiões, o Evangelho deve ser visto como Boas Novas para *toda* a humanidade e sua proclamação deve expressar sua coerência universal. Deve-se tomar cuidado para impedir que uma Igreja local se torne prisioneira de sua cultura. Os efeitos corrosivos dos ambientes particulares nem sempre são perceptíveis aos que neles estão imersos.¹⁹

ORGANIZAÇÕES E AGENTES DE UNIDADE ²⁰

113. Os anglicanos não estão sozinhos na necessidade de ter suficiente mecanismo para um processo de consulta mútua, discernimento e crítica e para a tomada de decisão em nível universal. Num estado de divisão entre as Igrejas, que desfrutam conosco a comunhão com Senhor crucificado, ressuscitado e ascenso (ver parag.93), os anglicanos julgam que a unidade da Igreja em nível mundial é melhor servida pelos processos de consulta mútua dentro das Comunhões Mundiais bem como entre as Igrejas separadas.

114. Na Comunhão Anglicana, têm-se desenvolvido quatro organismos ou agentes específicos que servissem de mecanismos para o nosso próprio processo de consulta, pelo qual a comunhão institucional e jurídica é preservada:

- Arcebispo de Cantuária
- Conferência de Lambeth
- Conselho Consultivo Anglicano
- Encontro de Primazes

115. O Arcebispo de Cantuária tem sido historicamente o foco de unidade em pessoa e comunhão em nível universal. Na declaração sobre a base da unidade anglicana a Lambeth de 1978 disse entre outras coisas: " A unidade está fundamentada na relação de lealdade de cada uma das Igrejas, de pessoa a pessoa com o Arcebispo de Cantuária, o qual é livremente reconhecido como foco de unidade"²¹

116. Estar em comunhão com a Sé e Arcebispo de Cantuária tem sido um sinal visível de que os bispos e suas Igrejas fazem parte da Comunhão Anglicana. A função do Arcebispo de Cantuária vem sendo descrita como aquela que envolve de modo particular aquele cuidado pastoral sobre todas as Igrejas

18- Sobre recepção ver TANNER, Mary, "Comunhão, Episcopado e a Ordenação das mulheres". E NAZIR ALI, Michael, "Igreja, Cultura e Mudança". Ambos em *Communion and Episcopacy*, pp.88ss e pp.97ss.

19- A Conferência resolveu que se solicite a uma Comissão Inter-Anglicana assuma como matéria de urgência a tarefa de estudar, o sentido e a natureza da comunhão. (Resolução 18.1)

20- A discussão que se segue surgiu da consideração do documento preliminar intitulado: Instrumentos da Comunhão e da tomada de Decisão, o desenvolvimento do processo consultivo na Comunhão anglicana, que se circulou, na fase inicial desta Conferência, entre os participantes.

21- *Relatório de Lambeth 1978*, p.98

1406 compartilhado por todos os bispos e também como a tarefa de "não comandar,
1407 mas reunir a Comunhão". A ênfase está claramente no serviço e no cuidado
1408 pastoral e não no poder coercitivo.

1409

1410 117. Desde 1867 a Conferência de Lambeth tem propiciado o foro de consulta
1411 para cada uma das dioceses da Comunhão Anglicana através de seus bispos. O
1412 Arcebispo Longley convocou em 1867 a Conferência para "o conselho e
1413 fortalecimento fraternos". No seu discurso de abertura ele negou que a
1414 Conferência assumisse as funções de um Sínodo Geral para a Comunhão ou
1415 que decretasse cânones que obrigassem as Províncias. "Propomos
1416 simplesmente discutir as matérias de interesse prático e pronunciar o que nos
1417 parece aconselhável em termos de resoluções que podem servir de
1418 salvaguardas para as ações futuras," disse ele.²² As Conferências de Lambeth
1419 posteriores têm sustentado o princípio da autonomia das Províncias. Porém, de
1420 quando em vez têm passado resoluções que servem como "salvaguardas" para
1421 as ações futuras na Comunhão.

1422

1423 118. Numa Carta Encíclica, a Conferência de 1929 descreveu seu status da
1424 seguinte forma:

1425

1426 A Conferência de Lambeth não reivindica o exercício de qualquer poder de
1427 controle ou comando. Representa o princípio espiritual e mais cristão da
1428 lealdade para com a comunhão. As Igrejas representadas nela são, de fato,
1429 independentes, mas independentes com a liberdade cristã, que reconhece as
1430 sujeições da verdade e do amor. Elas não são livres para negar a verdade. Não
1431 são livres para ignorar a comunhão...a Conferência e...comunhão no Espírito
1432 Santo.²³

1433

1434 119. A Conferência de Lambeth têm-se provado ser um encontro valioso para
1435 discernir e expressar a mente das Igrejas. Conselho Consultivo Anglicano-5
1436 aguardou, por exemplo, o pronunciamento "do consenso da Comunhão" por
1437 parte da Conferência em matéria das declarações de acordo da Comissão
1438 Internacional Anglicana-Católico Romana.²⁴ Assim, Conferência de Lambeth
1439 exerce um papel importante ao expressar a mente da Comunhão sobre
1440 questões particularmente cruciais.

1441

1442 120. O Conselho Consultivo Anglicano foi instituído pelo acordo entre as
1443 Províncias sob a recomendação da Conferência de 1968. Num sentido, é menos
1444 representativo do que a Conferência de Lambeth, onde cada uma das dioceses
1445 da Comunhão é representada por seu bispo. A inclusão de leigas e leigos e dos
1446 membros clero que não sejam da ordem episcopal dá-lhe, contudo, uma
1447 dimensão mais ampla de representatividade. Sua freqüência maior dá-lhe mais
1448 continuidade de vida e pensamento. Seu papel e sua relação com outros
1449 órgãos da Comunhão ainda estão em processo de elaboração.

1450

22_ *Five Lambeth Conferences 1867-1908*, p.8

23- *Six Lambeth Conference 1867-1930*, p.26

24- *ACC-5*, p.44

1451 121. A convocação das Reuniões Regulares de Primazes foi endossada pela
1452 Conferência de 1978. Isto refletiu a necessidade de um meio mais eficaz de
1453 exercer a colegialidade episcopal através da consulta dos Primazes. Esses
1454 encontros com intervalos regulares são "encontro das mentes" pelo qual
1455 Províncias particulares e as preocupações internacionais podem ser testados
1456 pelas discussões coletivas entre os líderes reconhecidos que procurarão
1457 alcançar uma mente comum. O Encontro dos Primazes já se mostrou ser um
1458 instrumento flexível de consulta. Por exemplo, ao tratar das questões práticas
1459 a respeito da autoridade e a possibilidade da sagração das mulheres ao
1460 episcopado em algumas Províncias.

1461
1462 122. Estas quatro instituições: Arcebispo de Cantuária, Conferência de
1463 Lambeth, Conselho Consultivo Anglicano, Encontro de Primazes são formas
1464 pelas quais as Províncias autônomas da Comunhão Anglicana expressam sua
1465 unidade e comunhão e vivem sua interdependência hoje. Esses organismo
1466 podem não tomar decisão, individualmente ou coletivamente, em nome da
1467 Comunhão como um todo. Porém isto sim, eles proporcionam meios de
1468 consulta, espaço para encontrar a mente comum e propiciam meios para
1469 expressar a mente da Comunhão. Servem para desenvolver e sustentar coesão
1470 e unidade anglicanas.

1471 1472 1473 **DESENVOLVIMENTO FUTURO DOS ORGANISMOS E AGENTES DE** 1474 **UNIDADE**

1475
1476 123. Resta-nos avaliar o trabalho desses Agentes da Comunhão e ver como
1477 essa obra pode desenvolver-se.

1478
1479 124. Consideramos que o Arcebispo de Cantuária deve continuar a manter a
1480 "primazia de honra", que goza presentemente na Comunhão Anglicana.
1481 Reconhecemos a sua liderança. Expressamos a nossa gratidão pela forma
1482 irrestrita com que o atual Arcebispo de Cantuária tem procurado construir e
1483 aprofundar sua relação com outras Províncias. Registramos o nosso desejo que
1484 esse ministério pessoal deve continuar entre nós. Há toda a indicação de que a
1485 presente Conferência está-se provando ser significativa e estratégica como
1486 qualquer outra Conferência no passado. Os bispos que encontram uns com os
1487 outros não só se conscientizam de sua colegialidade, mas também de sua
1488 representatividade em trazer e refletir a mente de suas dioceses. Estamos
1489 firmemente persuadidos na de que Lambeth é elemento crucial na vida
1490 contínua da Comunhão.

1491
1492 126. Reconhecemos a obra valiosa e necessária realizada pelo Conselho
1493 Consultivo Anglicano. No momento, não contemplamos a ampliação do papel
1494 consultivo do Conselho. Estamos conscientes de que o secretariado do
1495 Conselho funcione como secretariado inter-anglicano para a Conferência de
1496 Lambeth e para o Encontro dos Primazes. O papel enaltecido do Encontro dos
1497 Primazes pode exigir recursos adicionais para o Secretariado.

1498
1499

PAPEL ENALTECIDO DO ENCONTRO DOS PRIMAZES²⁵

127. A necessidade do compromisso crescente para com a interdependência das Igrejas da Comunhão sugere que se dê o encorajamento ao papel em processo de desenvolvimento do Encontro dos Primazes sob a presidência do Arcebispo de Cantuária. No contexto geral da missão da Igreja para proclamar o Evangelho a cada pessoa, os Primazes devem tomar cuidado especial da coerência universal da Comunhão em questões principais que interfiram na sua unidade.

128. Para os anglicanos, que sempre relacionaram a verdadeira doutrina com a adoração da Igreja, este fato envolverá atenção especial para com as liturgias das Igrejas. O encorajamento, apoio e conselho devem ser dados às Igrejas da Comunhão em sua tarefa de revisão litúrgica. Consulta mútua sobre o desenvolvimento e revisões periódicas de Livros de Oração Comum em uso na Comunhão devem ser encorajadas. Esta deve ser uma preocupação particular dos Primazes em seu exercício da *supervisão* em colegialidade. Esta não é uma nova responsabilidade, mas é uma responsabilidade sempre inerente no ofício episcopal como tal e é, portanto, deve ser compartilhada com os colegas bispos. (Ver Resolução 18.6)

129. Deve-se receber consideração o desenvolvimento de uma declaração comum da fé e prática a ser usada em eventos principais na vida das Igrejas da Comunhão. (Ver Resolução 19)

130. À vista do papel simbólico do Arcebispo de Cantuária na vida de toda a Comunhão, seria inteiramente apropriado e altamente desejável que os Primazes das Igrejas sejam conduzidos ao processo de consulta na ocasião da designação do Arcebispo de Cantuária. (Ver Resolução 18.b)

131. À vista do fortalecimento dos processos de consultas das Províncias, a posição das dioceses extra-provinciais carecem de consideração urgente para que sejam plenamente incorporadas nas estruturas existente.

DUAS QUESTÕES DIANTE DOS ANGLICANOS

132. As estruturas pelas quais a Comunhão Anglicana opera estão sendo testadas presentemente e desenvolvidas pela forma com que as decisões são feitas em duas importantes áreas. Uma se refere ao procedimento pelo qual os anglicanos fazem como uma Comunhão mundial seu responso ao Relatório Final de ARCIC e ao Documento de Lima. A outra diz respeito à forma com que se trata a questão da Ordenação Feminina. Essas questões não só estão testando as estruturas existentes da autoridade na Comunhão Anglicana mas também propiciando oportunidade criativas para desenvolver as possibilidades de comunhão até aqui ignoradas.

²⁵- Ver resolução 18.2

1547 133. Em 1981 o Conselho Consultivo Anglicano fez a seguinte indagação:
 1548 como é possível que a Comunhão de Províncias autônomas chegue a uma
 1549 aceitação comum de um acordo ecumênico? ²⁶
 1550

1551 134. Reconheceu-se que a aceitação formal de tal acordo como se expressa
 1552 no RELATORIO FINAL deve permanecer com os sínodos provinciais da
 1553 Comunhão, mas que somente um organismo inter-anglicano poderia articular a
 1554 mente comum da Comunhão como um todo. O Conselho Consultivo Anglicano
 1555 viu a Conferência de Lambeth, à qual cada bispo traz a mente de sua diocese,
 1556 como o melhor organismo capaz de descobrir e pronunciar um consenso e essa
 1557 será a responsabilidade de Lambeth 88. Porém a decisão da Conferência de
 1558 Lambeth segue a um processo exaustivo de resposta ao Relatório do ARCIC
 1559 por parte das Províncias, não só pelos sínodos das Províncias, mas também
 1560 pelas amplas considerações a cada nível da vida da Igreja, envolvendo o clero
 1561 e o laicato. ²⁷ O pronunciamento de qualquer consenso que possa surgir na
 1562 Conferência de Lambeth não será final. O pronunciamento deve passar pelo
 1563 processo de recepção nas Províncias e será preciso que seus sínodos o
 1564 submetam à votação na medida em que as conseqüências do acordo exigir
 1565 iniciativa ou sanção legislativas.
 1566

1567 135. É importante que, no decorrer do processo de recepção, as Províncias
 1568 sejam capazes de continuar coma consulta umas com as outras sobre os
 1569 desenvolvimentos e decisões que se seguirem. Essa seria uma das
 1570 responsabilidades e funções do Encontro dos Primazes.
 1571

1572 136. Noutra matéria de Ordenação Feminina ao Presbiterado e Episcopado, o
 1573 processo de se descobrir a mente comum é similar, mas apresenta diferenças
 1574 em detalhes. O que está claro é que uma consulta longa e ampla começou e
 1575 ainda está em processo e continuará. A Conferência de Lambeth de 69 passou
 1576 a seguinte resolução.
 1577

1578 A Conferência solicita a cada Igreja nacional ou regional ou Província estudar
 1579 cuidadosamente a questão da ordenação das mulheres ao presbiterado e
 1580 relatar seus resultados ao Conselho Consultivo Anglicano, que os levará ao
 1581 conhecimento de toda a Comunhão.
 1582

1583 E a Conferência ainda passou outra resolução:

1584 Que se busque o parecer do Conselho Consultivo Anglicano e o considere
 1585 cuidadosamente antes que qualquer Igreja nacional, regional ou Província faça
 1586 decisão final de ordenar as mulheres ao presbiterado. ²⁸
 1587

1588 137. Depois de dois anos e meio, realizou-se a primeira reunião do Conselho
 1589 Consultivo Anglicano em Limuru, Quênia. Embora oito Igrejas havia já
 1590 começado o processo de consulta, mas nenhuma delas havia enviado os
 1591 resultados de seus estudos. O Bispo de Hong Kong solicitou um parecer sobre
 1592 o procedimento a seguir visto que o Sínodo de sua diocese havia votado em

²⁶- ACC-5 P.43

²⁷- Cf. *Relatório Emaus: Relatório anglicano da consulta ecumênica*, Londres 1988

²⁸- *Lambeth Conference 1968*, pp.39-40

1593 favor da ordenação feminina. O CCA passou com uma pequena margem de
1594 apoio a seguinte resolução:

1595
1596 28(b) este Conselho é de parecer que o Bispo de Hong Kong e qualquer
1597 outro bispo da Comunhão Anglicana, que agem com a aprovação de sua
1598 Província, se decidir ordenar as mulheres ao Presbiterado, essa ação será
1599 aceitável a este Conselho. E este Conselho usará seu bom ofício para encorajar
1600 todas as Províncias da Comunhão Anglicana a continuar com essas dioceses.²⁹

1601
1602 138. A Conferência de Lambeth de 1978 foi importante em patrocinar a direção
1603 do desenvolvimento na década que se segue a 1988. A resolução 21 observou
1604 que, desde a Lambeth 68 quatro Províncias procederam a ordenação das
1605 mulheres ao Presbiterado e oito membros Igrejas ou concordaram ou
1606 aprovaram em princípio ou declararam que não há objeção fundamental ou
1607 nem objeção teológica contra a ordenação das mulheres ao ministério tríplice
1608 histórico da Igreja. A resolução pode ser considerada como que tivesse visado
1609 a ordenação feminina ao episcopado. Com efeito, este ponto de vista está de
1610 acordo com a visão de muitos na década de 70 de que, uma vez ordenada ao
1611 presbiterado, não haveria argumento para impedir a ordenação ao episcopado.
1612 Todavia, a resolução 22, dedicada às Mulheres no Episcopado, insinuou
1613 claramente uma diferença implícita entre a ordenação das mulheres ao
1614 Presbiterado numa Província e a sagração das mulheres ao episcopado:

1615
1616 *Embora se reconheça que uma Igreja membro da Comunhão*
1617 *Anglicana deseje sagrar a uma mulher ao episcopado e se aceite*
1618 *que tal Igreja membro deva agir de acordo com sua Constituição, a*
1619 *Conferência recomenda que não se tome nenhuma decisão sem*
1620 *consultar o episcopado por meio dos Primazes e sem um apoio*
1621 *esmagador da dita Igreja e da dita diocese, para que o ofício do*
1622 *bispo não se torne uma causa da divisão, ao invés de foco de*
1623 *unidade.*³⁰

1624
1625 139. O desenvolvimento da opinião sobre a ordenação das mulheres ao
1626 episcopado, desde 1978 está esboçado em pormenores no Relatório da
1627 Comissão de Trabalho dos Primazes, *Mulheres e Episcopado*. A importância
1628 disso para nós consiste em que a matéria foi adotada pelo Encontro dos
1629 Primazes em Toronto em 1986 e o processo de consulta nas Províncias e entre
1630 elas foi assumido pelo Encontro dos Primazes em preparação para Lambeth 88.

1631
1632 140. Esse Relatório examina como a Comunhão poderia descobrir a sua mente
1633 sobre essa questão que interfere no centro nervoso da Comunhão. E considera
1634 o processo de tomada de decisão tanto na Comunhão Anglicana como também
1635 onde existe divisão na Igreja universal. Os Primazes mostram, através desse
1636 Relatório, a preocupação com um processo de ouvir uns aos outros e entender
1637 o que se está dizendo por parte daqueles que sustentam posição oposta.

29- *Agora É Tempo, CCA-1 pp.*

30- *Relatório da Conferência de Lambeth de 1978, pp.45ss*

1639 As Províncias podem ser persuadidas pelas razões doutrinárias convincentes,
 1640 pelas experiências de mulheres no ministério ordenado na sua região a
 1641 proceder a ordenação de uma mulher ao episcopado. Tomar-se-ia essa
 1642 decisão só com o apoio esmagador na diocese e na Província interessadas. Tal
 1643 passo só poderia ser dado com o reconhecimento extraordinário da
 1644 necessidade de proporcionar tal desenvolvimento da recepção ou rejeição pela
 1645 Comunhão mundial e pela Igreja Universal com amor e apoio às mulheres
 1646 assim ordenadas.

1647 Se uma Província ordenar a mulher ao episcopado,

1648 *deve-se apresentar o desenvolvimento à Comunhão Anglicana num*
 1649 *processo aberto de recepção.*

1650 *O desenvolvimento não poderia ser expresso como a mente da*
 1651 *Igreja até que fosse aceito por toda a Comunhão. Mesmo então, seria*
 1652 *necessariamente uma tentativa até que fosse aceito pela Igreja*
 1653 *Universal.*

1654 *Seria necessária continuar com a consideração sobre a ordenação*
 1655 *das mulheres ao presbiterado e ao episcopado dentro da Comunhão, de*
 1656 *modo que as Províncias ouçam os pensamentos e experiência de umas*
 1657 *das outras, ajudando mutuamente na reflexão teológica e no exercício da*
 1658 *sensibilidade e cuidado mútuos.*

1659 *Deve-se encorajar debate na comunhão mais ampla da Igreja,*
 1660 *particularmente, nos diálogos bi-laterais e multi-laterais existentes.*

1661 141. Sobre a questão da ordenação das mulheres ao tríptico ministério os
 1662 pontos controversos importantes consistem em se a decisão para ordenar (ao
 1663 episcopado) pode ser expressa em termos de vontade de prosseguir a missão
 1664 de Jesus dentro do quadro de disciplina sacramental e bíblica e se a resistência
 1665 a tal decisão pode ser defendida semelhantemente em tais termos. Para falar
 1666 com franqueza, nenhuma Província que ordena mulheres tem encarado tal
 1667 ação como uma ruptura com o passado, isto é, nenhuma Província tem
 1668 defendido a questão como parte de uma ampla rejeição das disciplinas das
 1669 Escrituras e ordem sacramental, o que quer que alguns teólogos tenham
 1670 ocasionalmente dito. Os argumentos anglicanos são reconhecivelmente
 1671 cristãos e reconhecivelmente anglicanos. Nenhum organismo anglicano oficial
 1672 representativo tem promulgado um argumento claro e sem ambiguidade
 1673 contra a ordenação feminina. Em nível de sua voz oficial, o anglicanismo não
 1674 tem nas suas mãos este desenvolvimento que seja tão prejudicial à disciplina
 1675 comum das Escrituras e dos sacramentos que com a qual não possa viver
 1676 mesmo que alguns teólogos sejam livres para discordar.

1680 142. Também é um argumento reconhecivelmente anglicano dizer, todavia,
 1681 que a Igreja em alguns contextos se distanciaria inutilmente da sociedade na
 1682 qual exerce o ministério, se ordenasse as mulheres. Este argumento se
 1683 fundamenta nas prioridades da missão e deve ser levado a sério. A Igreja que
 1684 apresenta tal argumento deve, entretanto, se precaver contra suposição
 1685 apressada de que conhece exatamente como o seu contexto cultural funciona e
 1686 muda. É preciso que as Igrejas conservem sua flexibilidade face ao mundo em
 1687 rápida mudança. Se a Igreja é a favor ou contra, isso é, nesta perspectiva,
 1688

1689 mais do que uma simples conveniência cultural. As considerações envolvidas
 1690 acerca da missão, a respeito da liberdade da Igreja estar com ou contra o seu
 1691 contexto cultural são essencialmente teológicas.

1692
 1693 143. Assim, sobre a controvérsia a respeito do intercâmbio dos ministérios
 1694 entre as Igrejas que adotam políticas diferentes, sugerimos duas
 1695 considerações. A Igreja que ordenou as mulheres não devem procurar por ela
 1696 a mesma definir as condições sob as quais os ministros serão recebidos alhures.
 1697 Isso representaria uma fuga à necessidade do real engajamento com as
 1698 necessidades particulares de um outro contexto. Mas igualmente, uma Igreja
 1699 que não tenha ordenado mulheres tem responsabilidade para com a Igreja que
 1700 já as ordenou, não como uma cortesia para com as hóspedes eclesiais, embora
 1701 a cortesia não deixe de ter importância, mas para tornar acessível e inteligível
 1702 a experiência de outra Igreja em seu contexto próprio. Tal responsabilidade
 1703 tem de ser exercida numa forma apropriada, de modo que a vida e o
 1704 testemunho de outra e muito diferente comunidade cristã possam ajudar o
 1705 crescimento e compreensão da Igreja local mesmo que esta não tenha
 1706 compromisso de adotar política semelhante.

1707
 1708 144. Devido ao fato de que se reconhece em qualquer parte que a ordenação
 1709 feminina se constitui uma das questões principais que interfere na unidade da
 1710 Comunhão, conclui-se disso que os Primazes têm uma responsabilidade
 1711 contínua para com a matéria em foco. (Ver Resolução 1.3)

1712
 1713 145. Se a ação de qualquer Província resultar numa ruptura da comunhão
 1714 jurídica, tal acontecimento representaria, sem dúvida alguma, retrocesso à
 1715 unidade e deve ser profundamente deplorado. Há, contudo, a possibilidade de
 1716 aprender por meio de conflito e do retorno à nova vida através do
 1717 arrependimento.

1718
 1719 146. Aqui as questões ecumênicas mais amplas não podem ser tratadas em
 1720 pormenores. Porém desejamos confiar aos nossos parceiros em diálogos
 1721 ecumênicos a teologia da prática eclesial pluralista aqui esboçada, um
 1722 pluralismo dentro de uma disciplina comum das Escrituras e dos sacramentos.
 1723 Tal teologia nos possibilitaria dar graças pela variedade e particularidade das
 1724 expressões locais de uma disciplina comum. Sugerimos que a idéia de uma
 1725 Igreja caracterizada pela aprendizagem mútua e ação de graças recíproca dá-
 1726 nos uma dimensão apropriadamente dinâmica ao alvo da unidade, unidade de
 1727 relação ativa, e não de conformidade institucional.

1728 1729 1730 **DUAS ÊNFASES NA TOMADA DE DECISÕES ANGLICANAS**

1731
 1732 147. Existem claramente duas ênfases no processo anglicano da tomada de
 1733 decisão. A primeira se refere ao lugar da *recepção*. As decisões feitas pelos
 1734 sínodos das Províncias ainda têm de ser recebidas na vida do povo daquela
 1735 Província. Essa recepção não é simplesmente um responso e afirmação em
 1736 palavras, mas acarreta a integração daquilo que é afirmado na experiência
 1737 vivida da comunidade. Do mesmo modo, a mente da Comunhão expressa na
 1738 Conferência de Lambeth ainda tem de ser recebida pela comunidade das

1739 Igrejas da Comunhão Anglicana e pela Igreja toda. A recepção é um processo
1740 gradual e dinâmico. Propõe-se como meio pelo qual o povo de Deus como um
1741 todo responde ativamente às decisões feitas pelos sínodos e concílios. Este é
1742 um processo que leva tempo e aberto à orientação do Espírito Santo na
1743 comunidade. Até que complete tal processo há necessariamente
1744 "provisoriamente" a respeito das decisões tomadas nos sínodos e nos concílios
1745 da Igreja. Não se pode julgar que uma matéria já está estabelecida sem a
1746 recepção. É ainda possível que tais decisões sejam modificadas ou mesmo
1747 revogadas, mesmo que tenham sido aceitas e decididas pelos sínodos
1748 provinciais e endossadas pela maioria dos bispos na Conferência de Lambeth.
1749

1750 148. A segunda controvérsia está estreitamente relacionada com o problema
1751 da recepção. E esta deve ser mais estudada. Falamos na importância de se
1752 descobrir a "mente da Província", a "mente da Comunhão Anglicana", a "mente
1753 da Igreja". Que é que constitui a mente de uma Província, da Comunhão e da
1754 Igreja toda? A expressão de consenso, de um lado, envolverá o progresso de
1755 certo pensamento e a maioria estipulada do sínodo em nível apropriado. Isto é,
1756 no Sínodo de uma Província é que se tem a mente dessa Província; na
1757 Conferência de Lambeth, no Encontro dos Primazes, no Conselho Consultivo
1758 Anglicano, a mente da Comunhão. E a mente de toda a Igreja se alcança num
1759 Concílio verdadeiramente Ecumênico. A maioria sinodal isoladamente não
1760 pode, contudo, ser julgada como se fosse a mente de uma Província ou da
1761 Comunhão ou de toda a Igreja. O consenso deve envolver e assegurar que
1762 todos os argumentos foram colocados diante da comunidade e ouvidos pela
1763 mesma e que o povo não está sendo forçado tomar as decisões em
1764 compreender as implicações do acordo e que existe, de fato, um entendimento
1765 máximo seguro. Por um lado, deve ser possível que uma Província ou
1766 Comunhão tenham confiança em sua decisão, embora indivíduos e grupos
1767 continuem expressar pontos de vista contrários aos pontos de vista expressos
1768 pelos Sínodos. Por outro lado, é importante abrir espaço para os dissidentes no
1769 processo de recepção. É preciso que satisfaçamos uns aos outros para que o
1770 exercício da autoridade através das estruturas de nossa Comunhão e o
1771 pronunciamento das decisões tenham, de fato, peso, mas também para que
1772 haja lugar para continuar o debate e até para o conflito.
1773

1774 **PREOCUPAÇÃO TEOLÓGICA E CUIDADO PASTORAL**

1775
1776
1777 149. O cuidado teológico e pastoral estão relacionados com o exercício da
1778 autoridade na Comunhão Anglicana. Isto aplica especialmente às situações em
1779 que as ações das Províncias particulares podem ameaçar a unidade da
1780 Comunhão. Isto também se aplica onde a unidade de uma Província pode estar
1781 ameaçada pela crise de sua própria vida ou onde a ação pela Comunhão como
1782 um todo põe em perigo as nossas relações com as Igrejas irmãs. Temos dar
1783 testemunho de Cristo não só em palavras mas também em nossas vidas. Isto
1784 tem a ver com a maneira com que tomamos as decisões e com o amor,
1785 cuidado e preocupação que mostramos para com quem diverge de nós. O
1786 modo como decidimos, especialmente, sobre os assuntos que nos tocam a
1787 todos profundamente será sinal de nossa maturidade cristã. Os bispos têm um

1788 papel específica em manter a unidade teológica e no cuidado pastoral de toda
1789 a Comunhão.

1790
1791 150. As preocupações teológicas são consideradas pelos teólogos e bispos,
1792 individualmente, e pelos sínodos das Províncias, pela Câmara dos Bispos das
1793 Províncias e pelas Comissões teológicas. Na Comunhão como um todo temos a
1794 Comissão Internacional de Doutrina e Teologia. Nessas diferentes maneiras,
1795 opiniões teológicas e a prática da Igreja são continuamente testadas.
1796 Acreditamos ser importante que o cuidado pastoral e a prática sejam
1797 empreendidos no contexto da contínua pesquisa teológica, em diferentes níveis
1798 por toda a Comunhão.

1799
1800 151. O cuidado pastoral deve assegurar que a recepção seja um processo
1801 aberto. Deve haver, também, mecanismo para propiciar esse cuidado, ao
1802 longo das seguintes linhas:

1803 a) Cada Província deve desenvolver um processo, em sua vida, com respeito
1804 às matérias controvertidas, que permita diálogo que resulte na solução das
1805 mesmas.

1806
1807 b) O processo deve garantir a quem não tenha aceito a decisão da Província
1808 que não será excluído ou marginalizado. Os dons e as percepções de todos os
1809 grupos devem ser recebidos.

1810
1811 c) É preciso que os arranjos pastorais práticos sejam feitos em nível provincial
1812 e diocesano para os que, por sua consciência, são incapazes de aceitar as
1813 decisões tomadas em nível provincial. (A este respeito, chamamos a atenção
1814 para as provisões para os "visitadores episcopais" adotadas pela Convenção
1815 Geral da Igreja Episcopal nos Estados Unidos.)³¹

1816
1817 d) O Conselho Consultivo Anglicano e o Encontro dos Primazes devem ser
1818 compreendidos como as instituições que supervisionam o contínuo processo de
1819 intercâmbio entre as Províncias em matérias controvertidas. Devem estar à
1820 disposição para o conselho onde persistem as divergências nas Províncias e
1821 entre elas.

1822
1823 152. É preciso, no que se refere às preocupações teológicas e ao cuidado
1824 pastoral, declarar mais do que nunca a nossa fé na promessa do Espírito Santo
1825 nos guiar a toda a verdade e nos unir no amor de Cristo.

31- Essas medidas capacitam as paróquias que são incapazes aceitar o ministério de uma mulher bispo ou um bispo que consentiu na eleição de uma mulher ao episcopado a solicitar um visitador episcopal dentre a lista de bispos indicados pelo Bispo Presidente da Igreja Episcopal nos Estados Unidos com o consentimento da Câmara dos Bispos.